

A detailed historical painting depicting the Siege of Lisbon in 1581. The scene shows a massive stone wall with a large breach on the left, where a wooden structure is being used to scale the wall. A large crowd of soldiers and civilians is gathered in the foreground, some on horseback. In the background, a hillside is covered with white buildings, and a castle sits atop the hill. The sky is filled with smoke and flags.

**Roteiro polos espazos
vitais e literarios de
José Saramago
en Lisboa**
con Fabrizio Boscaglia
Lisboa, 4 de decembro de 2021
Código en fprofe G2103012



Xacobeo 21-22



XUNTA
DE GALICIA



CAFI

centro autonómico
de formación e innovación



Fabrizio Boscaglia (Turim, 1981) é Doutor em Filosofia pela Universidade de Lisboa, docente e investigador na Área de Ciência das Religiões da Universidade Lusófona (ULHT), colaborador do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa (CFUL). O seu trabalho diário no espólio e nos manuscritos de Pessoa, desenvolvido na Universidade de Lisboa e na Universidade Lusófona, tem dado como fruto uma original abordagem ao estudo das culturas orientais na obra de Fernando Pessoa.

Coordena a Linha de Investigação em Herança e Espiritualidade Islâmica na Área de Ciência das Religiões (ULHT). É conferencista e autor de publicações em Portugal e a nível internacional. Coordena projetos turístico-literários sobre Pessoa e outros escritores, em Lisboa.

É autor de dezenas de trabalhos entre conferências, livros e artigos em revistas científicas internacionais, sobre autores como Fernando Pessoa, Teixeira de Pascoaes, Antero de Quental, Almada Negreiros, Agostinho da Silva, Jorge Luis Borges e Friedrich Nietzsche.

Índice

Ponto 1 – Monte da Graça	03
Ponto 2 – Rua do Milagre de Santo António	06
Ponto 3 – Editorial	10
Ponto 4 – Escadinhas de São Crispim ..	13
Ponto 5 – Leitaria A Graciosa	15
Ponto 6 – Porta de Ferro	17
Ponto 7 – A mesquita	23
Ponto 8 – Rua Augusto Rosa	25
Ponto 9 – Arco Escuro	28
Ponto 10 – Restaurante da Baixa	30
Ponto 11 – A Casa dos Bicos	32
Ponto 12 – Arco de Jesus	36
Ponto 13 – Torre de Alfama	38
Ponto 14 – Porta do Sol	41
Ponto 15 – Porta Martim Moniz	43
Ponto 16 – Rua do Chão da Feira	46
Ponto 17 – Castelo de Sao Jorge	47

Ponto 1 – Monte da Graça (Miradouro da Senhora do Monte – Miradouro da Graça)



O **Miradouro da Senhora do Monte** encontra-se na freguesia de São Vicente (Graça). É um dos marcos históricos mais importantes de Lisboa. É também um dos miradouros mais tranquilos e menos procurados da cidade, apesar de ter uma vista panorâmica excecional. A poucos metros do miradouro da Graça, o seu formato de palco é uma plateia privilegiada para observar a capital. À sua esquerda encontra a igreja da Graça, o casario do Castelo e o castelo de São Jorge. Ao fundo o mar da palha e o estuário do Tejo brilham e iluminam os telhados da Baixa, as ruínas no Carmo, o verde de Monsanto e as cores pastel das Avenidas Novas. Tudo isto no espaço onde o primeiro Rei de Portugal, D. **Afonso Henriques instalou o acampamento para a conquista de Lisboa**. Ao lado deste miradouro encontra-se a pequena e antiga Ermida de Nossa Senhora do Monte fundada em 1147 e consagrada a São Gens, bispo que segunda a tradição aqui foi martirizado.

Texto 1 -----

E lá está, o **cabeço da Graça**, enfrentando-se com a torre mais alta, e o rebaixo para o Campo de Santa Clara, onde assentou arraiais D. Afonso Henriques com os seus soldados, que nossos foram, primeiros pais da nacionalidade, pois que os antepassados deles, por terem nascido cedo de mais, portugueses não tinham podido ser. Este é um ponto de genealogia que em geral não merece consideração, averiguar o que, não tendo nenhuma importância, deu vida, lugar e ocasião à importância que passou a ter o que dizemos ser importante.

Texto 2 -----

Disse el-rei, Ouvidas as vossas doutas opiniões e tendo ponderado os inconvenientes e as vantagens dos vários planos propostos, é minha real vontade que todo o exército se mova deste lugar para irmos a sitiar a cidade mais cerca dela, pois aqui não alcançaríamos vitória nem até ao fim do mundo, e procederemos como agora vos direi, às fustas irão mil homens dos afeitos à

navegação, que para mais não teríamos embarcações bastantes, mesmo contando com os barcos que os mouros não puderam levar para dentro dos muros ou destruir e que nós capturámos, e esses homens terão por missão cortar todas as comunicações por mar, que ninguém possa entrar ou sair por aí, e o grosso restante das tropas irá concentrar-se no **Monte da Graça**, onde finalmente nos dividiremos, dois quintos para as portas do lado nascente, outros dois quintos para as do lado poente, e o sobranço ficará ali para guardar a porta do norte. (...) Pareceu bem a el-rei o conselho, e logo ali nomeou Mem Ramires capitão da frente ocidental, deixando para mais tarde a designação dos outros comandos, Quanto a mim, sendo por natureza e real dever de todos vós comandante, tomarei também sob minhas directas ordens um corpo de exército, precisamente o que vai ficar no **Monte da Graça**, onde estará instalado o quartel-general.

Texto 3 -----

D. Afonso Henriques arenga às tropas reunidas no **Monte da Graça**, fala-lhes da pátria, já então era assim, da terra natal, do futuro que nos espera, só não falou dos antepassados porque verdadeiramente ainda quase não os havia, mas disse, Pensai que se não vencermos esta guerra Portugal se acabará antes de ter começado, e assim não poderão ser portugueses tantos reis que estão por vir, tantos presidentes, tantos militares, tantos santos, e poetas, e ministros, e cavadores de enxada, e bispos, e navegantes, e artistas, e operários, e escriturários, e frades, e directores, por comodidade de expressão é que falo no masculino, por al não, que em verdade não estou esquecido das portuguesas, as rainhas, as santas, as poetisas, as ministras, as cavadoras de enxada, as escriturárias, as freiras, as directoras, ora para que venhamos a ter tudo isto na nossa história, e o mais que não direi para não alongar o discurso e porque nem tudo se pode saber já hoje, para vir a ter tudo isto é preciso começar por conquistar Lisboa, portanto vamos a ela. Aclamaram as tropas a el-rei e, depois, à ordem dos seus alferes e capitães, marcharam a ocupar as posições que lhes estavam destinadas, levando os chefes instruções imperiosas de que no dia seguinte, à hora do meio-dia, quando os mouros estivessem em oração, seria o ataque desencadeado ao mesmo tempo nas cinco frentes, que Deus nos proteja a todos, que em seu serviço vamos.

Texto 4 -----

As mãos de Raimundo Silva levantam-se devagar e vão tocar-lhes, uma, outra, como se duas faces tocassem, uma, outra, prelúdio do movimento seguinte, aqueles dois lábios que lentamente se vão aproximando e afluam as pétalas, a boca múltipla da flor. Agora o telefone não deve tocar, que nada venha interromper este momento antes que ele por si mesmo se acabe, amanhã os soldados reunidos no **Monte da Graça** avançarão como duas tenazes, a nascente e a poente, até à margem do rio, passarão à vista de Raimundo Silva que mora na

torre norte da Porta de Alfafa, e quando ele assomar ao eirado, curioso, trazendo uma rosa na mão, ou duas, gritar-lhe-ão de baixo que é demasiado tarde, que o tempo não é mais de rosas, mas de sangue final e de morte.

Texto 5 -----

«Lisboa»

Quando atravesso – vinda do sul – o rio
E a cidade a que chego abre-se como se do seu nome nascesse
Abre-se e ergue-se em sua extensão nocturna
Em seu longo luzir de azul e rio
Em seu corpo amontado de colinas –
Vejo-a melhor porque a digo
Tudo se mostra melhor porque digo
Tudo mostra melhor o seu estar e a sua carência
Porque digo
Lisboa com seu nome de ser e de não-ser
Com seus meandros de espanto insónia e lata
E seu secreto rebrilhar de coisa de teatro
Seu conivente sorrir de intriga e máscara
Enquanto o largo mar a Ocidente se dilata
Lisboa oscilando como uma grande barca
Lisboa cruelmente construída ao longo da sua própria ausência
Digo o nome da cidade
– Digo para ver

Sophia DE MELLO BREYNER ANDRESEN (Porto, 6 de novembro de 1919 – Lisboa, 2 de Julho de 2004)



Ponto 2 – Rua do Milagre de Santo António – Porta a Alfôfa



Milagre de Santo António, 1945.

A **Porta da Alfôfa** (*Bab al-Hawha*) estava situada no cume da **Calçada de São Crispim**, na rua depois chamada do **Milagre de Santo António**. Dava passagem da rua da Costa do Castelo, uma estrada de circunvalação da fortaleza, para o interior da cidade. Esta porta seria protegida por duas torres, uma totalmente desaparecida, do lado norte, e outra do lado sul, da qual ainda subsiste o envasamento, sob o qual existe hoje um prédio (nº 2-4), cujos andares superiores pertencem ao prédio contíguo (nº 6), hoje o hotel Solar dos Mouros. O nome Alfôfa é de clara origem ára-be (*al-Hawha*), e significaria porta do postigo.

Texto 1 -----

Raimundo Silva senta-se num banco de pedra, à fria sombra da tarde, consulta pela última vez os papéis e verifica que nada mais há para ver, ao castelo conhece-o o suficiente para não ter de voltar hoje, mesmo sendo dia de inventário. O céu começa a tornar-se branco, talvez um aviso do nevoeiro prometido pela meteorologia, a temperatura desce rapidamente. O revisor sai do pátio para a Rua do Chão da Feira, em frente é a Porta de S. Jorge, mesmo daqui se pode ver que há pessoas a tirar fotografias ao santo, ainda. A menos de cinquenta metros, embora invisível daqui, está a sua casa, e, ao pensá-lo, apercebe-se, pela primeira vez com evidência luminosa, de que mora no preciso lugar onde antigamente se abria a **Porta de Alfôfa**, se da parte de dentro ou da parte de fora eis o que hoje não se pode averiguar e impede que saibamos, desde já, se Raimundo Silva é um sitiado ou um sitiante, vencedor futuro ou perdedor sem remédio.

José SARAMAGO, *História do Cerco de Lisboa*

Texto 2 -----

É janeiro, anoitece cedo. A atmosfera do escritório pesa, abafada. As portas estão fechadas. Para defender-se do frio, o revisor tem uma manta sobre os joelhos, o calorífero mesmo ao lado da



secretária, quase a escaldar-lhe os tornozelos. Já se percebeu que a casa é antiga, sem conforto, de um tempo espartano e bronco, quando sair para a rua, na altura dos frios maiores, ainda era o melhor remédio para quem não dispusesse senão de um corredor gélido onde aquecer o corpo em pequenos exercícios de marcha.

José SARAMAGO, *História do Cerco de Lisboa*

Texto 3 -----

As palavras que o Dr. Jekyll acabou de dizer tentam opor-se a outras que não chegámos a ouvir, essas disse-as Mr. Hyde, não seria preciso mencionar estes dois nomes para percebermos que neste prédio velho do bairro do Castelo assistimos a mais uma luta entre o campeão angélico e o campeão demoníaco, esses dois de que estão compostas e em que se dividem as criaturas, referimo-nos às humanas, sem exclusão dos revisores. Mas esta batalha, desgraçadamente, vai ganhá-la Mr. Hyde, percebe-se pela maneira como Raimundo Silva está a sorrir neste momento, com uma expressão que não esperaríamos dele, de pura malignidade, desapareceram-lhe do rosto todos os traços do Dr. Jekyll, é evidente que acabou de tomar uma decisão, e que má ela foi, com a mão firme segura a esferográfica e acrescenta uma palavra à página, uma palavra que o historiador não escreveu, que em nome da verdade histórica não poderia ter escrito nunca, a palavra **Não**, agora o que o livro passou a dizer é que os cruzados Não auxiliarão os portugueses a conquistar Lisboa, assim está escrito e portanto passou a ser verdade, ainda que diferente, o que chamamos falso prevaleceu sobre o que chamamos verdadeiro, tomou o seu lugar, alguém teria de vir contar a história nova, e como.

José SARAMAGO, *História do Cerco de Lisboa*

Texto 4 -----

Levantou-se, cobriu-se com o roupão de fazenda grossa que, de inverno, sempre estende sobre os cobertores da cama, e foi abrir a janela. O nevoeiro desaparecera, não se acredita que tantas cintilações tivessem estado ocultas nele, as luzes pela encosta abaixo, as outras do outro lado, amarelas e brancas, projectadas sobre a água como trémulos lumes. Está mais frio. Raimundo Silva pensou, pessoalmente, Se eu fumasse, acenderia agora um cigarro, a olhar o rio, pensando como tudo é vago e vário, assim, não fumando, apenas pensarei que tudo é vário e vago, realmente, mas sem cigarro, ainda que o cigarro, se o fumasse, por si mesmo exprimisse a variedade e a vaguidade das coisas, como o fumo, se fumasse. O revisor demora-se à janela, ninguém o chamará, Vem para dentro, olha que te constipas, e ele tenta imaginar que o chamam docemente, mas fica ainda um minuto a pensar, vago ele, e vário, e enfim, como se outra vez o tivessem chamado, Vem para dentro, peço- te, condescende em fechar a janela e volta para a cama, deita-se sobre o lado direito, à espera. Do sono.

José SARAMAGO, *História do Cerco de Lisboa*

Texto 5 -----



Reconstrução facial do santo a partir do seu crânio preservado; por Cícero Moraes.

Um dia, talvez por efeito duma luz que fará recordar esta, límpida e fria tarde que vai esmorecendo, se dirá, Lembra-te, primeiro o silêncio dentro do carro, as palavras difíceis, o olhar tenso e expectante, os protestos e as insistências, Deixa-me na Baixa, por favor, tomo aí um eléctrico, Ora essa, levo-o a casa, não me custa nada, Mas sai do seu caminho, Eu, não, o automóvel, Não é cómodo subir aos sítios onde vivo, Ao pé do castelo, **Sabe onde moro, Na Rua do Milagre de Santo António**, vi na sua ficha, depois um certo e ainda hesitante desafogo, corpo e espírito meio distendidos, mas as palavras sempre acauteladas, até ao momento em que Maria Sara disse, Pensarmos nós que estamos onde foi a cidade moura,

José SARAMAGO, *História do Cerco de Lisboa*

Texto 6 -----

Esse prédio em frente ocupa o lugar de uma das torres que defendiam a porta que estava neste local, ainda se nota na forma da base, E a outra torre, onde era, devia haver duas, Aqui mesmo, onde estamos, Tem a certeza, Certeza absoluta não, mas tudo indica que sim, considerando o que se sabe sobre o traçado do que seria esta parte da muralha, Então, aqui, na torre, que somos nós, mouros ou cristãos, Por enquanto, mouros, estamos cá justamente para impedir que

os cristãos entrem, Não o conseguiremos, nem vai ser preciso esperar pelo fim do cerco, haja vista os painéis de azulejos com os milagres de Santo António, à entrada da rua, Abomináveis, Os milagres, Não, os **azulejos**, Por que é que esta rua se chama do **Milagre de Santo António**, quando só nos painéis há três, Não lhe sei responder, talvez o santo tenha feito algum milagre particular aos vereadores, é verdade que seria mais bonito chamar-lhe dos Milagres, o que não se deverá, por exemplo, é imaginar que Santo António tenha contribuído militarmente para a conquista de Lisboa, naquela altura ainda não era nascido,

Dois dos milagres dos painéis são sabidos, o do aparecimento do Menino Jesus¹ e o da bilha partida², o outro não conheço, há um cavalo, ou uma mula³, não reparei bem, É uma mula, Que é que sabe do caso, Tenho aí dentro um livro, um alfarrábio velho, coisa do século dezoito, onde se contam todos os milagres, incluindo esse, Diga, O melhor seria que o lesse, Fica para outra vez, Quando, Não sei, amanhã, depois, um dia.

José SARAMAGO, *História do Cerco de Lisboa*

¹ Santo Antônio entrou numa cidade para lá pregar, e o fidalgo que ali o acolheu reservou-lhe um aposento bem retirado, a fim de não o perturbarem no estudo e na oração. Estava o santo recolhido em seu quarto quando o fidalgo, andando pela casa a tratar de seus assuntos, achou-se por acaso diante do aposento de Antônio e, levado por devota curiosidade, espreitou pela porta, às escondidas. E o que haviam de ver os seus olhos! Um Menino muito belo e alegre nos braços de Santo Antônio, e este a contemplar-lhe o rosto, a apertá-lo ao peito e a cobri-lo de beijos. O fidalgo ficou espantado, sem saber como explicar donde teria vindo aquela Criança. O Menino, que era Nosso Senhor Jesus Cristo, revelou a Santo Antônio que o seu hospedeiro o estava espiando pela porta. Por causa disso, Santo Antônio, chamou o senhor fidalgo e humildemente lhe pediu que, enquanto ele estivesse vivo, a ninguém revelasse a visão que tivera. Foi só depois da morte do santo que o senhor fidalgo, com lágrimas, contou o milagre. Extraído de *Livro dos Milagres ou Florinhas de Santo António de Lisboa*. Trad. de Frei Fernando Félix Lopes, OFM. Braga: Franciscana, 1996, p. 91.

² Santo António ficou conhecido como o santo casamenteiro, a quem se recorre para arranjar noiva ou noivo e a quem os casais pedem um matrimónio em que a felicidade não falte. A bênção pedida ao santo para a união tem origem numa característica que atribuíam em Lisboa a António, na altura ainda Fernando de Bulhões -brincalhão. O pequeno escondia-se junto às fontes a pregar grandes sustos às moças que lá se dirigiam para levar água. Segundo a lenda, as raparigas assustadas deixavam cair as bilhas. Maneira que Fernando teria para fazer milagres, concertando a bilha partida. O processo permitia assim a demora das raparigas na fonte, local onde era costume não faltarem rapazes.

³ Quando em disputa com um herege albigense sobre a presença ou não do Deus vivo na hóstia consagrada, o herege, chamado Bonvillo, disse que se uma mula, tendo passado três dias sem comer, honrasse uma hóstia em detrimento de uma ração de aveia, ele acreditaria no santo. Assim que a mula foi liberta de seu cercado, desviou-se da ração e ajoelhou-se diante da hóstia que António lhe mostrava.

Ponto 3 – Editorial



Texto 1 -----

Três são os caminhos principais que ligam a casa de Raimundo Silva à cidade dos cristãos, um que, seguindo pela Rua do Milagre de Santo António, e conforme o ramo que escolher da trifurcação tanto o pode deixar no Caldas e na Madalena como no Largo da Rosa e suas adjacências baixas e altas, na eminência a Costa do Castelo, nos fundos as Escadinhas da Saúde e o Largo de

Martim Moniz, e, medianamente, o arranque da Calçada de Santo André, o Terreirinho e a Rua dos Cavaleiros, outro que pelo Largo dos Lóios o leva na direcção das Portas do Sol, e finalmente o mais comum, pelas Escadinhas de S. Crispim, todo a descer, que em poucos minutos o põe na Porta de Ferro, onde espera o carro eléctrico que o transportará ao Chiado, ou donde parte, ainda por seu pé, para a Praça da Figueira, se precisar utilizar o metro, como é o caso de hoje. **A editora está perto da Avenida do Duque de Loulé**, longe de mais, a esta hora já declinante, para subir a Avenida da Liberdade, em geral pelo passeio do lado direito, pois nunca lhe agradou o outro, não sabe porquê, embora a impressão de gosto e desgosto não seja constante, tem altos e baixos, quer duma parte, quer da outra, mas realmente é no lado direito que se sente melhor. Um dia, enquanto a si próprio ia chamando maníaco, deu-se ao trabalho de marcar num mapa da cidade as extensões de passeio da avenida que lhe agradavam e as que lhe desagradavam, e descobriu, com surpresa, que era mais extensa a parte agradável do lado esquerdo, mas que, tendo em conta o grau de intensidade da satisfação, o lado direito acabava por prevalecer, donde resultava ir muitas vezes subindo por este lado de aqui e olhar o outro passeio de além com pena de lá não estar. Claro que não toma estas pequenas obsessões demasiado a sério, para alguma coisa lhe serviu ser revisor, ainda há poucos dias, estando a conversar com o autor da *História do Cerco de Lisboa*, argumentou que os revisores têm visto muito de literatura e vida, entendendo-se que o que da vida não souberam ou não quiseram ir aprender a literatura mais ou menos se encarregou de ensinar-lhes, mormente no capítulo dos tiques e manias, pois é de geral conhecimento que não existem personagens normais, ou então não seriam personagens, suponho, o que, tudo junto, talvez signifique que Raimundo Silva tenha ido buscar aos livros que reviu alguns traços impressivos que, passando o tempo, teriam acabado por formar nele, com o que nele era de natureza, esse todo coerente e contraditório a que costumamos chamar carácter. Agora que está nas Escadinhas de S. Crispim, a olhar o cão, que o olha a ele, poderia perguntar-se com que personagem de ficções se parece neste momento, pena que não seja lobo o animal, pois então

viria imediatamente a pêlo a referência a S. Francisco, ou porco, e seria Santo Antão, ou leão, e seria S. Marcos, ou boi, e seria S. Lucas, ou peixe, e poderia ser Santo António, ou borrego, e seria o Baptista, ou águia, e o Evangelista seria, não era bastante termos dito que o cão é o melhor amigo do homem, pelo jeito que leva o mundo bem pode acabar por ser o último.

José SARAMAGO, *História do Cerco de Lisboa*

Texto 2 -----

Faltavam cinco minutos para as quatro quando entrou na editora. Encontrou tudo o que antes procurara, os murmúrios, os olhares, os risinhos, e também, em um ou dois rostos, uma expressão apenas perplexa, de quem não se satisfaz com uma evidência, tendo embora de acreditar nela. Fizeram-no passar para a sala de espera da direcção e ali o deixaram ficar mais de um quarto de hora, o que serve para demonstrar a vanidade de temores que pouco têm de pontuais. (...)

A secretária deu-lhe passagem, Entre, e fechou a porta. Raimundo Silva disse, Boas tardes, duas das pessoas que ali estavam responderam, Boa tarde, a terceira, o director literário, disse apenas, Sente-se, senhor Silva. O leão também está sentado e olha, podemos supor que lambe os beiços e arreganha os colmilhos, enquanto avalia a consistência e o sabor das carnes do pálido cristão. Raimundo Silva cruza a perna, descruza-a logo, e nesse momento dá-se conta de que não conhece uma pessoa que ali está, sentada à esquerda do director literário, uma mulher. (...) Eu ainda não estou em mim, senhor Silva, o senhor que trabalha há tantos anos para esta casa, um profissional competente, cometer um erro desses, Não foi um erro, cortou o director literário, não vale a pena estender essa mão misericordiosa ao senhor Silva, tão bem como ele sabemos que foi um procedimento deliberado, não é assim, senhor Silva, Que é que o leva a dizer que se tratou de um procedimento deliberado, senhor director, Espero que não esteja a pensar voltar atrás sobre o que julgo ter sido a sua primeira intenção quando aqui entrou, Não estou a voltar atrás, apenas pergunto. A irritação do director literário tornou-se óbvia, mais ainda pela ironia que carregou as palavras ditas, Creio que não preciso dizer-lhe que o direito de fazer perguntas e exigir desculpas, além doutras medidas que entendemos tomar, não lhe pertence a si, mas a nós, especialmente a mim, que represento aqui o director-geral, Tem toda a razão, senhor director, eu retiro a pergunta, Não precisa retirar a pergunta, eu respondo-lhe que sabemos que se tratou de procedimento deliberado por causa da maneira como escreveu o Não na prova, com letras carregadas, bem desenhadas, em contraste com a sua caligrafia corrente, solta, ainda que clara de ler. Neste ponto o director literário calou-se de repente como se tivesse ganho consciência de que estava a falar de mais e, portanto, a enfraquecer a sua posição de julgador. (...) A intervenção da mulher, que ninguém parecia esperar, pareceu obrigar a um desvio da conversa, Esta senhora, disse o director literário, a partir de agora fica com a responsabilidade de dirigir todos os revisores que trabalham para a editora, tanto

no que se refere a prazos e ritmo de trabalho como ao acompanhamento da exactidão das revisões, tudo passará por ela, mas voltemos ao nosso assunto, a editora resolveu considerar arrumado este desagradável incidente, tendo em conta os bons e leais serviços prestados até hoje pelo senhor Silva, vamos admitir que a causa de tudo isto terá estado na fadiga, numa obliteração ocasional dos sentidos, enfim, pomos uma pedra sobre o caso, esperando que ele não se repita, além disso o senhor Silva terá de escrever uma carta à editora e outra ao autor apresentando desculpas, o autor diz que não é preciso, que um dia falará consigo sobre o incidente, mas nós pensamos que é um dever seu, senhor Silva, escrever essa carta, Escreverei (...) Se me permitem, o que me causa estranheza é que o senhor Raimundo Silva, é este o seu nome, creio, não tenha sequer tentado explicar-nos por que cometeu um abuso tão grave, alterando o sentido duma frase que, como revisor, tinha, pelo contrário, o dever imperativo de respeitar e defender, é para isso que os revisores existem. O leão reapareceu subitamente, rugindo, mostra a dentuça assustadora, as garras intactas e afiadas, agora a nossa única esperança, perdidos na arena, é que Tarzan surja finalmente, pendurado numa liana e gritando, Ah-ah-ah-ô-ô, se a memória não falha, e até pode ser que traga os elefantes para ajudá-lo, por causa da boa memória que têm. Perante o agora inopinado ataque o director literário e o director de produção voltaram a carregar a expressão, talvez para não virem a ser acusados de fraqueza por uma frágil mulher consciente das suas obrigações profissionais, apesar de investida nelas há pouco tempo, e fitaram o revisor com a dureza adequada. Não repararam que precisamente não havia dureza no rosto da mulher, antes um leve sorriso, como se, no fundo, ela estivesse a divertir-se com a situação. Raimundo Silva, desconcertado, olhou-a, é uma mulher ainda nova, menos de quarenta anos, percebe-se que é alta, tem a pele mate, os cabelos castanhos, se o revisor estivesse mais perto poderia ver alguns fios brancos, e a boca é cheia, carnuda, mas os lábios não são grossos, estranho caso, um sinal de inquietação toca algures o corpo de Raimundo Silva, perturbação seria a palavra justa, agora deveríamos escolher o adjectivo adequado para acompanhá-la, por exemplo, sexual, porém não o faremos, Raimundo Silva não pode tardar tanto a responder, ainda que seja comum em situações deste tipo dizer-se que o tempo se suspendeu, coisa que o tempo nunca fez desde que o mundo é mundo.

José SARAMAGO, *História do Cerco de Lisboa*

Ponto 4 – Escadinhas de São Crispim



Escadinhas de São Crispim (1902).



Escadinhas de São Crispim (1944).

Nas Escadinhas existia, por 1560, a ermida velha de São Crispim e São Crispiniano, da Irmandade dos Sapateiros, templozito todo «cosido de oiro», e que, arruinado pelo Terramoto, durou ainda até 1760. Levantou-se, depois, a Igreja de São Crispim, na Rua de São Mamede.

São Crispim não podia passar sem uma lenda. Ela diz que certa mulherzinha cristã, do tempo dos mouros, e quando foi do Cerco, se entreteve, por ardil, a atirar maçãs e castanhas aos sarracenos que se recolhiam à almedina, no intuito de os demorar e serem, assim, menos na defesa. Mais tarde uma Catarina Fernandes, patriota dos quatro costados, e em memória do facto, doou em testamento umas suas casas junto à ermida, para que, em véspera de São Crispim, de ali se atirassem ao rapazio castanhas e maçãs.

Texto 1 -----

O cão aproximou-se outra vez, agora Raimundo Silva olha-o apreensivo, sabe-se lá se não estará raivoso, uma ocasião, não se lembra onde, leu que um dos sinais do terrível mal é a cauda caída, e este rabo não demonstra grande vigor, mas será por causa do mau passadio, que bem se lhe vêem as costelas ao bicho, e é sinal também, mas esse

decisivo, a sinistra baba escorrendo das fauces e colmilhos, ora o rafeiro em presença, se saliva, será por estímulo de um cheiro de comida em preparação aqui nas **Escadinhas de S. Crispim**. O cão, tranquilizemo-nos, não está raivoso, se fosse no tempo dos mouros, talvez, mas agora, numa cidade como esta, moderna, higiénica, organizada, até mesmo esta amostra de cão vadio é de estranhar, provavelmente tem-no salvado da rede frequentar de preferência este caminho desviado e íngreme, que requer perna ágil e fôlego de rapaz, bondades que não confluem inevitavelmente nos apanhadores de cães.

Raimundo Silva vai consultando os papéis, seguindo mentalmente o itinerário, e olha o cão a furto, e é então que se lembra da descrição que o historiador fez dos horrores da fominha dos sitiados ao cabo dos meses, não ficou vivo nem cão nem gato, até as ratazanas levaram sumiço, mas afinal, sendo assim, tinha razão quem disse que um cão ladrou naquela serena madrugada em que o almuadem subiu à

almádena para chamar os crentes à oração da manhã, errado estaria, sim, quem argumentasse que, por ser o cão impuro animal, o não tolerariam à sua vista os mouros, ora, admitamos que o excluíssem das casas, dos afagos e da gamela, mas nunca do vasto Islão, porque, em verdade, se somos tão capazes de levar a vida em paz com as impurezas que são nossas próprias, por que haveríamos de rejeitar violentamente as impuridades alheias, neste caso de natureza perruna, portanto bem mais inocente que a outra, dos humanos, que tão mau uso fazem do nome de cão, a torto e a direito o atirando à cara de inimigos, de mouros os cristãos, de cristãos os mouros, de judeus todos juntos. Para não falar senão de quem melhor conhecemos, os fidalgos portugueses que aí vêm, tudo neles são cuidados e recomendações para os seus dogues, e alanos, a ponto de serem adictos a dormir com eles, com tanto ou maior gosto que com as concubinas, e, vai-se a ver, ao mais cruel adversário não escolhem pior palavra para chamar- lhe, Cão, dizem, e parece não haver outra ofensa que tanto doa, salvo Filho de Cadela. (...)

José SARAMAGO, *História do Cerco de Lisboa*

Ponto 5 – Leitaria A Graciosa

Café ou estabelecimento onde se vende leite e seus derivados.



Leitaria Luso Central na Praça Dom Pedro IV, 27-29 (1930).

Texto 1 -----

Mas é verdade que o revisor, que neste bairro chegado ao castelo vive há, de tão largos, já não contados anos, dele não precisando mais forte referência do que a bastante para não perder o tino da casa, experimenta agora, a par do mencionado gozo de novel proprietário, uma livre, uma desafogada sensação de prazer que quem sabe se prolongará para além da esquina próxima, quando virar para a Rua Bartolomeu de Gusmão, na zona da sombra. (...)

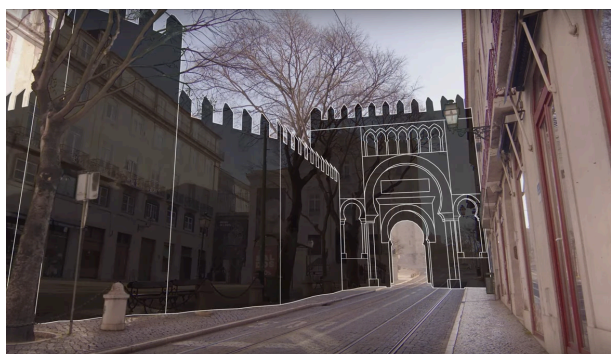
Evidentemente, a **Leitaria A Graciosa**, onde o revisor agora vai entrando, não se encontrava aqui no ano de mil cento e quarenta e sete em que estamos, sob este céu de junho, magnífico e cálido apesar da brisa fresca que vem do lado do mar, pela boca da barra. Uma leitaria é, desde sempre, bom lugar para saber as novidades, em geral as pessoas não trazem muita pressa, e sendo este um bairro popular, onde todos se conhecem e onde a familiaridade do quotidiano já reduziu ao mínimo as cerimónias prévias à comunicação, tirando, claro está, algumas fórmulas simples, Bons dias, Como tem passado, Lá em casa, tudo bem, que se dizem sem dar grande atenção ao significado real das perguntas e das respostas, é natural que em pouco se passe às preocupações do dia, que são várias e todas graves. A cidade está que é um coro de lamentações, com toda essa gente que vem entrando fugida, enxotada pelas tropas de Ibn Arrinque, o Galego, que Alá o fulmine e condene ao inferno profundo, e vêm em lastimoso estado os infelizes, escorrendo sangue de feridas, chorando e gritando, não poucos trazendo cotos em lugar de mãos, ou cruelmente desorelhados, ou sem nariz, é o aviso que manda adiante o rei português, E parece, diz o dono da leitaria, que vêm cruzados por mar, malditos sejam eles, corre que serão uns duzentos navios, as coisas desta vez estão feias, não há dúvida, Ai, coitadinhos, diz uma mulher gorda, limpando uma lágrima, que mesmo agora venho da Porta de Ferro, é um estendal de misérias e desgraças, não sabem os médicos a que lado acudir, vi pessoas com a cara numa pasta de sangue, um pobre com os olhos vazados, horror, horror, que a espada do Profeta caia sobre os assassinos, Cairá, disse um homem novo que, encostado ao balcão, bebia um copo de leite, se for a nossa mão a empunhá-la, Não nos renderemos, disse o dono da leitaria, há sete anos também vieram portugueses e cruzados e levaram que contar, Pois sim, tornou o homem novo, depois de enxugar a boca às costas da mão, mas Alá não

costuma ajudar a quem a si próprio se não ajude, e esses cinco barcos de cruzados que aí estão fundeados no rio há seis dias, pergunto eu por que ainda não os atacámos e metemos a fundo, Que justa obra seria essa, disse a mulher gorda, em pago das misérias dos nossos, Em pago, não, disse o dono da leitaria, que as contas das nossas vinganças nunca foram de menos que cem por um, Mas os meus olhos são como as pombas mortas que não voltarão aos ninhos, disse o almuadem.

Raimundo Silva entrou, deu os bons-dias sem reparar em quem estava, e foi sentar-se a uma mesa por trás da montra onde se exibiam as seduções da doçaria habitual, os pastéis de nata, os palmiês, as cornucópias, os queques, os bolos de arroz, os jesuítas, e, infalíveis, os cruassãs, com a forma que lhes deu o nome em francês, de crescente, logo tornado decrescente à primeira dentada, minguante portanto, até não ficarem no prato mais do que migalhas, ínfimos corpos celestes que o gigantesco dedo de Alá, humedecido, vai levando à boca

José SARAMAGO, *História do Cerco de Lisboa*

Ponto 6 – Porta de Ferro



Porta de Ferro, Porta do Ocidente (*Bab al-Garb*), **Porta Maior** (*Bab al-Kabir*) ou **Arco da Consolação**.

No actual largo de Santo António da Sé ficava a principal porta de entrada em Lisboa. Segundo Al-Himyari, esta porta da Cerca Moura era «*encimada por arcos sobrepostos que assentam em colunas de mármore, por sua vez apoiadas em envasamentos de mármore*». Seria esta a principal entrada na Medina, da qual já absolutamente nada resta. O cruzado, no seu relato, denomina esta entrada como Porta do Ferro. Mais tarde, passou a ser também denominada Arco de Nossa Senhora da Consolação, nome adoptado até ao terramoto de 1755, que destruiu a capela de Nossa Senhora da Consolação, que ainda se mantinha sob o arco da antiga entrada.

Texto 1 -----

Já ciente do caminho que deverá tomar, Raimundo Silva levanta-se, sacode as calças, e começa a descer as escadas. O cão seguiu-o, mas de largo, como quem tem uma velha experiência de calhoadas, e lhe basta, para levar um susto, ver baixar-se bruscamente o homem e fazer menção de apanhar uma pedra. Ao fundo das escadinhas hesitou, parecia pensar, Sigo, não sigo, mas decidiu-se e foi empós do revisor, que lá vai descendo pela **Calçada do Correio Velho**⁴. Por estes sítios, ou um pouco mais por dentro, para obedecer ao alinhamento do troço de S. Crispim, baixava a muralha, a direito, supõe-se, até à renomada **Porta de Ferro**, outros dizem do Ferro, de que não ficou rasto nem resto que hoje se diga, talvez se levantássemos este empedrado moderno do **Largo de Santo António da Sé** e cavássemos fundo nos aparecesse um alicerce do tempo, algumas escamas de ferrugem de antigas armas, um cheiro de tumba, dois confundidos esqueletos, de guerreiros, não de amantes, gritaram ao mesmo tempo, Cão, e ao mesmo tempo um ao outro se mataram. Sobem e descem automóveis, os eléctricos rangem na curva da Madalena, são da carreira vinte e oito, particularmente estimados pelos realizadores de cinema, e lá adiante, a virar em frente à Sé, vai outro autocarro repleto de turistas, devem ser franceses que julgam que estão em Espanha. O cão

⁴ Esta artéria corria paralela à muralha moura e em meados do séc. XV era denominada como Pé da Costa. No Tombo de 1573 surge como rua pública e calçada. De 1606 até 1797 aí esteve instalado o edifício do serviço de correio, que foi privilégio da família Gomes da Mata e antes do Terramoto de 1755 chamava-se Calçada do Correio. O edifício da Calçada do Correio foi derrubado pela catástrofe e o serviço dos correios passou entretanto para a alçada direta da Coroa e foi instalado de 1801 a 1881, em regime de arrendamento, no Palácio Marim-Olhão, no nº 38 da Calçada do Combro.

tem dúvidas em atravessar, o seu mundo mais chegado e conhecido é o das ruas altas, e apesar de ver que o homem olha para trás enquanto desce a **Rua da Padaria**, ao longo do que seria, há séculos, o pano de muralha que ia até à **Rua dos Bacalhoeiros**, não se atreve a continuar, talvez o medo de agora se torne insuportável por lembrança dum susto antigo, gato escaldado de água fria tem medo, o cão também. Regressa pelo caminho andado, volta às Escadinhas de S. Crispim, à espera de quem apareça.

José SARAMAGO, *História do Cerco de Lisboa*

Texto 2 -----

Por este lado, em direcção à **Porta de Ferro**, é que baixará o corpo de tropas que leva por capitão a Mem Ramires e onde, no tropel, vai Mogueime, a quem o seu comandante, vendo-o e finalmente o reconhecendo, imaginamos que pela altura, que a cara é de barbas como a de todos, lhe gritará, com um bom riso lhano e medieval, Eh, homem, altas são por de mais estas muralhas para que aos teus ombros eu pudesse outra vez subir e lançar uma escada, como em Santarém fizemos e quão bem nos aproveitou e a el-rei nosso senhor, e Mogueime, posto em confiança, mas a quem, na ocasião, não lhe passa pela cabeça contradizer a versão do seu oficial sobre a posição relativa das partes constitutivas da já célebre escada humana, responde com aquela filosofia de soldado que vai à guerra e contesta ao general que passa no jipe, Se lá dentro tornarmos a ver-nos será sinal de que ganhámos ambos a guerra, mas se algum de nós faltar ao encontro, esse perdeu-a, e agora levante vossa senhoria o escudo que vem aí uma chuva de setas. Raimundo Silva acendeu o candeeiro da mesa, a rápida luz por um momento pareceu apagar as rosas, depois elas reapareceram como se a si mesmas se reconstituíssem, porém sem aura nem mistério, ao contrário do que se julga e pôs a correr foi um botânico o autor da célebre frase, Uma rosa é uma rosa é uma rosa, um poeta teria dito apenas, Uma rosa, o resto caberia no silêncio de contemplá-la.

José SARAMAGO, *História do Cerco de Lisboa*

Texto 3 -----

Por enquanto, instrumento do destino sem o saber, o cavaleiro Henrique debate, em seu foro íntimo, se levará consigo Ouroana para o arraial de Mem Ramires ou se a deixará ficar no acampamento real, entregue aos cuidados e à vigilância do seu criado favorito. Porém, está tão acostumado a esse criado que não se sente inclinado a dispensá-lo, posto o que, tudo considerado, o chamou para dizer-lhe que prepare bagagens e armas porque amanhã cedinho descerão destas alturas protegidas para se juntarem às tropas que entestam com a **Porta de Ferro**, onde, a seu governo e mando, irão construir uma torre de assalto, A ver quem mais depressa a acabará, se nós, ou os franceses, ou os normandos, na Porta do Sol e na Porta de Alfama, E Ouroana, vossa barregã, que lhe fazeis, perguntou o criado, Irá

comigo, São grandes os perigos, além estão frente com frente os mouros e os cristãos, Logo verei o que convenha, sendo certo, contudo, que não se têm atrevido os infiéis a vir dar batalha fora dos muros. (...) D. Afonso Henriques (...) Haveis-vos dado conta, certamente, de que uma parte do meu estado-maior não vai muito à bola com essa ideia das torres, é gente conservadora, agarrada ao artesanato, por isso, se virdes que alguém vos aparece com embelecões e pretextos dilatatórios ou derrotistas vinde logo dizer-mo, que eu tomo muito a peito, como rei moderno que me presumo de ser, levar por diante esta empresa sem delongas escusadas, tanto mais que as minhas finanças, devoradas por esta guerra, levaram um rombo de todo o tamanho, já vedes que não me conviria nada, mesmo nada, ter de pagar no fim de agosto nova soldada, que é quando se vencem os três meses, é que, embora a nossa tropa ganhe pouco, todos juntos fazem uma senhora despesa, seria como sopa no mel se conseguíssemos tomar a cidade neste meio tempo, imaginai pois quanto de bom espero da vossa e outras torres, e assim vos exorto, estímulo e aplaudo a que leveis rijamente por diante o nosso desígnio, por cuja remuneração não tendes que preocupar-vos, pois lá estão os bens dos mouros para que por vossas próprias mãos vos pagueis uma e dez vezes. Que o cavaleiro Henrique não estava na disposição de perder tempo, viu-se logo, porque, mal chegado ao arraial da **Porta de Ferro**, reuniu-se em conferência com Mem Ramires para que lhe fossem consignados os homens necessários à portentosa obra, começando-se imediatamente pelo abate das árvores que havia por ali, umas nascidas ao acaso da natureza, outras plantadas pelas mesmas mãos dos mouros, que então não puderam adivinhar que estavam, literalmente, a juntar lenha para se queimarem, são, digamo-lo uma vez mais, as ironias do destino. Porém, não devemos seguir adiante nestas descrições sem primeiro dizer do alvoroço causado pela chegada do cavaleiro e seus acompanhantes, nem era o caso para menos, que vinha um técnico estrangeiro, ainda por cima alemão, que é ser técnico duas vezes, alguns, cépticos de seu natural ou por conta alheia, duvidavam dos méritos e dos resultados, outros achavam que não se deve julgar mal o que bem ainda não teve tempo de provar-se, finalmente os práticos e objectivos abundavam no reconhecimento da evidência de que melhor se combate o mouro tendo-o diante de nós e à nossa altura do que estando ele lá em cima a atirar-nos pedras aproveitando-se da vantagem da gravidade e nós em baixo sofrendo os efeitos duma e doutras. (...)

Mais de uma semana levou a construção. Entre a manhã e a noite, o cavaleiro Henrique não vivia senão para a sua ideia, e, mesmo quando na tenda repousava, cortava-se-lhe o sono só de pensar que podia ter ficado mal firme uma viga de apoio, e chegava ao ponto de levantar-se no meio da madrugada para certificar-se da solidez duns encaixes e da boa tensão dumas cordas. Tão excelente senhor era e tão piedoso que, no aceso do trabalho, não se dedignava de meter um ombro à carga se a um dos extenuados soldados se quebrava, num instante de fraqueza, a mola dos rins. Numa destas ocasiões achou-se Mogueime atrás dele, que também Mogueime andava de auxiliar à torre, e foi caso que tinha vindo Ouroana a ver o andamento da obra e naturalmente a olhar para quem só olhos

deveria ter, o seu senhor e amo, mas isto não evitou que ela notasse a fixidez com que a fitava o soldado alto que atrás estava, dera por ele desde o primeiro dia, sempre a olhá-la onde quer que a encontrasse, logo no arraial do Monte de S. Francisco (...)

Finalmente ficou concluída a torre. Era uma peça estupenda de engenharia militar que se deslocava sobre maciças rodas e se compunha de um sistema complexo de travejamentos internos e externos unindo entre si as quatro plataformas que definiam a estrutura vertical, uma inferior que directamente assentava nos eixos fixos das rodas, outra superior prolongando-se ameaçadora para o lado da cidade e duas intermédias que serviam para reforçar o conjunto e serviriam de protecção temporária aos soldados que se preparassem para subir. Uma roldana manobrada de baixo permitiria fazer subir rapidamente alcofas cheias de armas, de modo a não faltarem mesmo no mais rijo do combate. Quando a obra foi dada por finda, a tropa rompeu em vivas e aclamações, ansiosa por se lançar ao assalto, tão fácil lhe parecia agora a conquista. Os próprios mouros deviam de estar assustados, um silêncio estupefacto calara os insultos que constantemente choviam lá de cima. O entusiasmo no arraial da **Porta de Ferro** ainda se tornou maior ao saber-se que as torres dos franceses e dos normandos levavam atraso, portanto a glória estava ali ao alcance do braço, não havia mais que empurrar o carro de assalto até encostá-lo ao muro, era a altura de vir Mem Ramires como capitão a dar a voz, Empurrem, rapazes, vamos a eles, e todos fizeram quanta força podiam. Infelizmente, não se reparara que o terreno adiante era inclinado, e portanto, à medida que avançavam, já debaixo do fogo inimigo, a torre ia-se inclinando para trás e para cima, tornando-se evidente que, mesmo que conseguissem chegar ao muro, a plataforma superior ficaria demasiado afastada dele para poder ter alguma utilidade. Então o cavaleiro Henrique, corrido da sua imprevidência, deu ordem para parar e voltar ao princípio, agora os carpinteiros iam dar lugar aos sapadores, tratava-se de rasgar um caminho direito e a direito, tarefa realmente perigosa, pois os cavadores teriam de trabalhar a descoberto sob a avalanche de projecteis de toda a espécie que vinham de cima, e tanto pior quanto mais se aproximassem. Mesmo assim, e apesar das baixas sofridas, foram abertos uns vinte metros por onde a torre já poderia avançar, servindo de cobertura para o lanço seguinte. Estava-se nisto, fazendo cada qual o melhor de que era capaz, mouros de um lado, cristãos do outro, quando de repente o chão cedeu de um lado e as três rodas daí enterraram-se até aos cubos, fazendo inclinar a torre assustadoramente. Ouviu-se um grito geral, de aflição e medo no arraial dos portugueses, de diabólica alegria nos adarves onde a negra mourisma assistia de camarote. Em equilíbrio periclitante, a torre rangia de alto a baixo, com todo o madeirame sujeito a tensões que não haviam sido previstas, algumas uniões logo rebentadas. De cabeça perdida, vendo a pique de malograr-se o que deveria ser demonstração magnífica do seu engenho, o cavaleiro Henrique arrebelava-se, soltava na língua germânica pragas que certamente em nada condiziriam com a boa fama, apesar de tudo merecida, em que geralmente era tido, mas que a grosseria inerente a estes primitivos tempos mais do que justificava. Por fim, acalmando-se, foi examinar de

perto a situação, os estragos, concluindo que o remédio, se o iria ser, estaria em prender nas traves superiores, do lado oposto ao do sentido da inclinação, umas cordas mui compridas e pôr toda a companhia a puxar de largo, de modo a dar folga às rodas enterradas e poder calçá-las com pedras, sucessivamente, até fazer voltar a torre à vertical. O plano era perfeito, porém, para que se alcançasse o desiderato era necessário, primeiro, proceder a uma operação arriscadíssima, a qual consistiria em desafogar as rodas, retirando precisamente a terra que, a estas alturas, ainda amparava a pesada construção, pois nela é que se apoiava, inclinada, a plataforma inferior. Era um busílis, um nó cego, um xis, uma equação com uma enorme e aterradora incógnita, mas não se topava outra solução, ainda que, com rigor, devêssemos chamar-lhe apenas ínfima probabilidade. Foi esta a ocasião que os mouros escolheram para despedir lá de cima uma chuva de virotões com mechas inflamadas que zumbiam no ar como enxames de abelhas e vinham cair aqui, ali, dispersos, o vento que fazia prejudicava afortunadamente a pontaria dos arqueiros, mas tantas vezes o cântaro vai à fonte que por fim lá deixa a asa, bastou que um virotão acertasse no alvo para os outros logo aprenderem o caminho, querendo enfim a má sorte que a torre viesse a despenhar-se, não tanto por efeito da inclinação agravada pelo cavamento da terra, mas por causa da agitação de esforços para apagar o fogo que pegara em diversas partes. Da brutal queda ficaram mortos ou malferidos os soldados que no cimo da torre prendiam as cordas, também alguns outros que trabalhavam de pá às rodas, e finalmente, perda sem remédio, o cavaleiro Henrique, alcançado por um virotão a arder que o seu generoso sangue ainda pôde apagar. Como ele, mas por ter recebido em cheio no peito uma viga que se soltara na derrocada, morreu também o fiel criado, assim ficando Ouroana só no mundo, o que, podendo ser lembrado noutra ocasião, aqui já se deixa mencionado, tendo em conta a importância do facto para a continuação desta história. Não se descreve o júbilo desconforme dos mouros, assegurados como se acharam ali, se de tal precisassem, do maior poder de Alá sobre Deus, comprovado na derrota fragorosa da torre maldita. E também descrever não é possível o desgosto, a raiva e a humilhação da lusitana gente, ainda que alguma dela não se coibisse de murmurar que qualquer pessoa com dois dedos de testa e experiência de guerra deveria saber que as batalhas é à ponta de espada que se ganham e não com engenhos estrangeiros que tanto podem estar a favor como contra. Destroçada, a torre ardia como uma fogueira de gigantes, e nela se reduziam a torresmo e cinzas não se chegou a averiguar quantos homens que na confusão dos travejamentos desfeitos tinham ficado presos. Um desastre.

(...) Naquele lado de além está a tenda do cavaleiro Henrique, que amanhã irá a enterrar no **cemitério de S. Vicente**. Ouroana, sem lágrimas, vela o cadáver, que já cheira. Dos cinco homens de armas, falta um que foi ferido. O que tentou pôr mão em Ouroana, olha-a de vez em quando, e pensa. Cá fora, escondido, Mogueime ronda ao redor da tenda como uma mariposa fascinada pelo clarão dos brandões que sai pela abertura dos panos. Raimundo Silva olha o relógio, se dentro de meia

hora Maria Sara não telefonar, telefonará ele, Como estás, meu amor, e ela responderá, Viva, e ele dirá, É um milagre.

José SARAMAGO, *História do Cerco de Lisboa*

Texto 4 -----

Alá é o único Deus, grita o almuadem, e, como um só homem, os portugueses avançam a passo de carga e dando vozes para se animarem contra as **portas da cidade**, ainda que um observador medianamente experiente, desde que imparcial, não pudesse deixar de notar uma certa falta de convicção nas hostes corredoras, como quem não acredita que com tão pouco se vá chegar tão longe. É certo que os arcos e as bestas disparavam uma verdadeira chuva de setas, virotes e virotões sobre as ameias, com vista a afastar delas os mouros de guarda e a deixar folga aos assaltantes da primeira linha para, com machados e martelos, tentarem britar as portas, enquanto outros, manejando os pesados aríetes, investem ritmicamente contra elas, mas os mouros não arredavam pé, primeiramente protegidos pelos alpendres que haviam construído, e depois, quando estes começaram a arder, incendiados por tochas atadas aos virotões maiores, precipitaram-nos dos muros abaixo sobre as cabeças dos portugueses, que assim tiveram de recuar, chamuscados como cerdos depois da matança. Apagados os lumes mais vivos, para o que alguns soldados de Mem Ramires tiveram de lançar-se às águas do esteiro, donde saíram rechinando e reclamando unguentos, a artilharia lançou nova barragem, agora mais prudente, empregando de preferência pedras e bolas de barro duro, porque os mouros, diabolicamente maliciosos, davam-nos o troco com as nossas próprias munições, acontecendo mesmo morrer um português, está visto que ninguém foge ao seu destino, com um virote de ida-e-volta de que fora o primeiro atirador. São casos que, embora raros, acontecem nos episódios de guerra, principalmente em trabalhos de cerco, pois nestes aproveita-se tudo, flecha vai, flecha vem, e, se não fosse a depreciação resultante do uso ininterrupto, uma batalha como esta poderia nunca acabar, mesmo sem entrar em linha de conta com as fábricas de **Braço de Prata**⁵, em laboração contínua, chegando-se finalmente ao extremo de restar-nos um só sobrevivente para um arsenal completo, tantas armas e ninguém a quem matar.

José SARAMAGO, *História do Cerco de Lisboa*

⁵ Antiga fábrica de produção de material de guerra

Punto 7 – A mesquita



Sé de Lisboa (1893)

A **Sé de Lisboa**, ou Igreja de Santa Maria Maior foi construída na segunda metade do século XII, após a conquista da cidade aos Mouros por D. Afonso Henriques. Após a reconquista da cidade, um cruzado inglês, Gilberto de Hastings, foi feito bispo. Começaram então as obras de construção da catedral, **aparentemente no lugar da antiga mesquita**. Nessa mesma época, Afonso Henriques trouxe do Algarve as relíquias de São Vicente de Saragoça e depositou-as na Sé.

Texto 1 -----



Sé de Lisboa (1895)

A **mesquita** estava silenciosa, só os passos inseguros ecoavam sob os arcos, um arrastar de pés cautelosos, como se temesse ser engolido pelo chão (...) A escada, em caracol, era trabalhosa de subir, de mais sendo este almuadem já velho, felizmente não precisava que lhe vendassem os olhos como às mulas das atafonas se faz para que lhes não dê o mareio. Quando chegou acima sentiu na cara a frescura da manhã e a vibração da luz alvorecente, ainda cor nenhuma, que a não pode ter aquela pura claridade que antecede o dia e vem tanger na pele um arrepio subtil, como de uns invisíveis dedos, impressão única que faz pensar se a desacreditada criação divina não será, afinal, para humilhação de cépticos e ateus, um irónico facto da história. O almuadem correu a mão, lentamente, ao longo do parapeito circular até encontrar, insculpida na pedra, a marca que apontava a direcção de Meca, cidade santa. Estava preparado. Uns instantes ainda para dar tempo ao sol de assomar aos balcões da terra a sua primeira aura, e também para tornar clara a voz, porque a ciência proclamativa de um almuadem há-

de ficar patente logo ao primeiro grito, e nele é que tem de demonstrar-se, não quando a garganta já se dulcificou com o trabalho da fala e o consolo da comida. Aos pés do almuadem há uma cidade, mais abaixo um rio, tudo dorme ainda, mas inquietamente. A manhã começa a mover-se sobre as casas, a pele da água torna-



Sé de Lisboa (1938)

se espelho do céu, e então o almuadem inspira fundo e grita, agudíssimo, Allahu akbar, apregoando aos ares a sobre toda grandeza de Deus, e repete, como gritará e repetirá as fórmulas seguintes, em extático canto, tomando o mundo por testemunha de que não há outro Deus senão Alá, e que Maomé é o enviado de Alá, e tendo dito estas verdades essenciais chama à oração, Vinde ao azalá, mas sendo o homem de natureza preguiçoso, ainda que crente no poder Daquele que nunca dorme, o almuadem repreende caridosamente esses outros a quem as pálpebras ainda pesam, Aoração é melhor que o sono, As-salatu

jayrun min an-nawn, para os que nesta língua o entendem, enfim concluiu clamando que Alá é o único Deus, La ilaha illa llah, mas agora só uma vez, que é quanto basta quando se trate de verdades definitivas. Acidade murmura as orações, o sol apontou e ilumina as açoteias, não tarda que nos pátios apareçam os moradores. Aalmádena está em plena luz. O almuadem é cego.

José SARAMAGO, *História do Cerco de Lisboa*

Viagem a Portugal

Texto 2 -----

À **Sé** pouco lhe faltou para não sobreviver às remendagens dos séculos XVII e XVIII, subsequentes ao terramoto umas, sem tento nem gosto todas. Reabilitou-se felizmente a frontaria, agora de bela dignidade no seu estilo militar acastelado. Não é certamente o mais belo templo que em Portugal existe, mas o adjetivo cobre sem nenhum favor o deambulatório e as capelas absidiais, magnífico conjunto para que não se encontra fácil paralelo. Também a capela de Bartolomeu Joanes, em gótico francês, merece atenção. E há que referir o trifório, arcaria tão harmoniosa que se ficam os olhos nela. E se o visitante padece do mal romântico, aí tem o túmulo da Princesa Desconhecida, comovente até à lágrima. Admiráveis são também os túmulos de Lopo Fernandes Pacheco e de sua segunda mulher, Maria Vilalobos.

José SARAMAGO, *Viagem a Portugal*

Ponto 8 – Rua Augusto Rosa, nº 42 – A cadeia do Aljube



João Mau-Tempo, de *Levantado do Chão*⁶ (1980) vai caminho da prisão do Aljube. A prisão abrigava condenados pelo Fórum Eclesiástico até 1820, depois mulheres acusadas de crimes comuns até o final da década de 1920. De 1928 até seu fechamento em 1965, prisioneiros políticos da Ditadura Nacional e Estado Novo. Depois disso, foi convertido para deter criminosos comuns e cargos de ministro da Justiça. Desde 2015, o prédio tem sido usado como o **Museu da Resistência e da Liberdade**. Uma inscrição do lado de fora diz

Aqui
do silêncio das "gavetas"
da pátria roída
dos seios quebrados pelas torturas do pedido
levantou-se o grito de liberdade
floresceu em abril

Texto 1 —————

Vista da prisão no início do século 20.

E agora subir escadas. João Mau-Tempo continua no meio dos dois, nunca as cautelas são demasiadas, para cima é um formigueiro, de térmitas, uma azáfama, um trabalho de zangãos com a sua zumbideira, ouvem-se campainhas de telefone, mas à medida que se vai subindo, primeiro andar, segundo andar, altos lanços, decresce o rumor e a agitação, tornam-se raras as pessoas, e no terceiro andar é quase o silêncio total, apenas da rua chegam desmaiados uns motores de automóveis e o murmúrio informe da cidade sob o calor da tarde. Ali são os rebaixos e este corredor leva a uma divisão comprida, baixinha, com o tecto logo acima da cabeça, e nestes bancos corridos estão alguns homens sentados, ao lado de quem me vou sentar também eu, João Mau-Tempo, natural e morador em Monte Lavre, de quarenta e quatro anos de idade, filho de Domingos Mau-Tempo, sapateiro, e de Sara da Conceição, louca, com título de perigoso, segundo fez o favor de me

⁶ **Levantado do Chão** foi publicado em 1980, pela Editorial Caminho, e é considerado, pela generalidade dos críticos, como um dos romances fundamentais de José Saramago. O livro ganhou o Prémio Cidade de Lisboa, em 1980, e o Prémio Internacional Ennio Flaiano em 1992.[1] O livro chegou a sua oitava edição no ano de 1988. Nesta obra Saramago retrata a luta de um povo face às forças opressoras (os latifundiários, as forças da ordem e a Igreja). Luta obstinada e de muitos sacrifícios, feita sobre um ambiente de miséria rural. É uma fotografia do movimento antifascista no Alentejo, no qual Saramago revela bem as suas opções políticas.

informar o cabo Tacabo do posto da minha terra. Os homens que estão sentados olham João Mau-Tempo, mas ninguém diz palavra. Ali é a casa da paciência, ali se espera o imediato destino. O telhado está mesmo por cima das nossas cabeças, rechina com o calor, se lhe deitassem água fervia, e João Mau-Tempo já não come há mais de vinte e quatro horas, e para ele não há calor, este dia é de Inverno, treme como se estivesse exposto ao vento de Dezembro no latifúndio, sem mais agasalho que a desabrigada pele. Assim é por comparação, tão fina como as outras, e verdade estreme, este é o banco dos nus, cada um por si, e ali não há valerem-se uns aos outros, tapa-te lá com esta força e esta firmeza, solidão da charneca, alto voo de milhano enfim descido ao rés da terra para contar os seus e avaliar as coragens.

Porém, é preciso alimentar as vítimas, não faltaria mais nada do que perdê-las antes do tempo conveniente. Passou meia hora e outra meia, e enfim entrou um faxina qualquer que trazia para cada preso um prato de caldo de prisão e dois decilitros de vinho, era uma lembrança da pátria para estes seus enteados, podem agradecer. E foi quando João Mau-Tempo rapava com a colher o fundo do prato que ouviu dizer um polícia a outro, estavam os dois à porta guardando a malhada e juntando papéis, Aquele gajo de além fica entregue ao inspector Paveia, e o outro respondeu, Deixa que vai bem encomendado, e João Mau-Tempo disse consigo mesmo, Isto é comigo, e era, como depois veio a saber, antes ficasse ignorante.

José SARAMAGO, *Levantado do Chão*

Texto 1 -----

Lá vão os dois, descem o que falta de ruas, e depois é o grande terreiro, ao longo das arcadas, e logo a estação, João Mau-Tempo tem dificuldade em perceber as tabelas, aqueles minúsculos números, e o homem ajuda, percorre com o dedo as colunas, Não, comboio não há, só amanhã de manhã, e ouvindo isto já João Mau-Tempo está a procurar um sítio onde possa enroscar-se, mas o homem diz-lhe por estas palavras, Você está cansado, e vê-se que tem fome, venha dormir a minha casa, come lá um prato de sopa e descansa, se fica aqui morre de frio, foram estas as palavras ditas, ninguém acredita que tais coisas possam acontecer, e é verdade verdadeira, João Mau-Tempo só soube responder, Muito agradecido, é uma obra de misericórdia, aqui cantaria hosana o padre Agamedes, daria vivas à bondade dos homens, tem toda a razão o padre, este homem que leva o saco às costas merece os louvores, mesmo não sendo pessoa de igrejas, não que ele o tivesse dito, são coisas

sabidas do narrador, além de outras que não vêm para o caso, pois esta história é de latifúndio e não de cidade. O homem é mais velho do que João Mau-Tempo, mas mais forte e mais leve de perna, por isso tem de moderar-se para acompanhar o passo doloroso do ressuscitado, e para o animar diz, Moro aqui perto, em Alfama, e já virou para a Rua da Alfândega, cobrou ânimo João Mau-Tempo, depois meteram-se por umas vielas húmidas e escarpadas, húmidas, com este

tempo não admira, uma porta, uma escada estreitíssima, uma água-furtada, Boa noite, Ermelinda, este senhor dorme cá em casa esta noite, amanhã vai para a terra e não tem onde ficar, e a Ermelinda é uma gorda mulher que abre a porta como se estivesse abrindo os braços, Entre, e João Mau-Tempo, perdoem-lhe os melindrosos e os que só cuidam e estimam grandes lances dramáticos, a primeira sensação que tem é a do cheiro da comida, uma sopa de hortaliça e feijão que tem estado a aferventar, e o homem diz-lhe, Ponha-se à vontade, e logo a seguir, Como é que se chama, e João Mau-Tempo já está sentado, entra-lhe no corpo uma fadiga repentina, mas diz o nome, e o outro retribui, Eu chamo-me Ricardo Reis, e minha mulher é Ermelinda, são nomes de pessoas, é o que sabemos delas, pouco mais, e também estes pratos de sopa sobre a mesa da cozinha, Coma à sua vontade, já o frio vai diminuindo, terra afinal branda de Lisboa, esta janela das traseiras dá para o rio, há umas luzinhas de barcos, na outra banda raras são, quem diria que, um dia, vistas daqui serão uma festa, Beba mais um copo, e se calhar é também por isso, por este outro copo de vinho espesso, que João Mau-Tempo sorri tanto, mesmo quando conta o que na prisão passou, e já é tarde quando acaba, cai de sono, está Ricardo Reis muito sério e Ermelinda Reis enxuga os olhos, e então dizem-lhe, Agora vai dormir, que são horas, bem precisa de descansar, e João Mau-Tempo nem repara que a cama é de casal, ouve passos no corredor, mas não são os da guarda, não são os da guarda, não são os da guarda, e, livre, adormece.

José SARAMAGO, *Levantado do Chão*

Ponto 9 – Arco Escuro – Arco das Portas do Mar



O Arco Escuro, por Roque Gameiro, circa de 1910.



Casa dos Bicos Panorâmica sobre o Campo das Cebolas [1969]

Ao centro, no prédio logo abaixo da Sé, vê-se o Arco das Portas do Mar (ou da Conceição) que estabelece a comunicação entre a Rua dos Bacalhoeiros e as ruas de Afonso de Albuquerque e das Canastras. No sítio do prédio do arco terá existido o Chafariz da Preguiça ou do Arco das Portas do Mar (1569).

O **Arco Escuro** (*Bab al-Bahr*), antiga porta do Mar, corresponderia aproximadamente à antiga **Porta do Mar** que pertence à Cerca Moura. Encontra-se na Rua dos Bacalhoeiros, defronte da porta travessa da Igreja da Conceição Velha. É também denominada por Postigo da Rua das Canastras, por ficar no fim desta rua. Esta porta provavelmente servia directamente de entrada da praia para a cidade e teria grande importância para o seu abastecimento. Deve ser esta a porta que o Cruzado refere no seu relato da conquista como a porta contra mare (voltada ao mar). Segundo Al-Himyari, nesta porta «**penetram as ondas pela maré-cheia, e vêm, numa altura de três braças, bater contra a muralha contígua**». A sua importância é atestada por ser defendida pela torre que se erguia a sul da muralha, a chamada torre da Escrevaninha, a qual teve um papel relevante na tomada de 1147, quando os cruzados ingleses construíram uma torre móvel para a conquistar.

O actual **Arco das Portas do Mar** (antiga torre) é o terceiro a receber este nome, tendo sido aberto numa torre da Cerca Moura, como se pode observar no quadro, que mostra a partida de São Francisco de Xavier para a Índia, da autoria de José Pinhão de Matos e como confirma o Tombo de 1755: «**que da parte do poente e nascente é Muralha e mostra ter sido Torre**». Actualmente, o Arco das Portas do Mar é um arco de volta abatida, com 3,7 m de largura e 9 m de comprimento e estabelece comunicação entre a rua dos Bacalhoeiros e a rua Afonso de Albuquerque

Texto 1 -----

O revisor está revendo, entra pelo **Arco Escuro**, a conhecer a escada que o historiador protesta ser uma que naquele tempo dava acesso ao adarve da cerca, ou melhor, está esta no sítio onde se acharia a outra de origem, aos degraus da de agora não os gastaram mais do que duas ou três gerações. Raimundo Silva observa com vagar as janelas escuras, as fachadas salitrosas e encardidas, os registos de azulejos, este que tem a data de mil setecentos e sessenta e quatro, com uma Santa Ana ensinando sua filha Maria a ler, e, em medalhões laterais, acolitando, S. Marçal, que protege dos incêndios, e Santo António, restaurador de bilhas e supremo achador de objectos desencaminhados. O

registro, à falta de certificado autêntico, serve de documento aproximado, se a data que leva é, como tudo permite crer, a do ano em que o prédio foi construído, passados nove anos do terramoto. O revisor avalia o seu cabedal de conhecimentos e encontra-o mais rico, por isso, voltando à Rua dos Bacalhoeiros, olhará com desdém superior os passantes e ignorantes, alheados destas curiosidades de cidade e vida, nem sequer competentes para aproximarem duas tão explícitas datas. Daí a pouco, porém, quando estiver diante do **Arco das Portas do Mar**, achando em seu íntimo que o nome merecia outra tradução arquitectónica, não uma prosaica tabuleta de despachantes oficiais, nesse momento, considerando sobre os desencontros entre a palavra e o sentido, a si mesmo se observou e de si mesmo fez juízo severo, Afinal, que direito tenho eu de julgar os outros, vivo em Lisboa desde que nasci e nunca me tinha lembrado de vir ver, com os meus próprios olhos, coisas que estão em livros, coisas que algumas vezes olhei e tornei a olhar, sem ver, quase tão cego como o almuadem, se não fosse esta ameaça do Costa, provavelmente, nunca teria a ideia de verificar o traçado da cerca, as portas, que estas aqui cuido eu que já serão da muralha fernandina, claro que quando chegar ao fim do meu passeio saberei mais, mas também é certo que saberei menos, precisamente por mais saber, por outras palavras, a ver se me explico, a consciência de saber mais conduz-me à consciência de saber pouco, aliás, apetece perguntar, que é saber, tinha razão o historiador, a minha vocação é para filósofo, dos bons, daqueles que pegam num crânio e levam a vida toda a interrogar-se sobre a importância que um crânio tem no universo e se há razão para que o universo se preocupe com esse crânio ou para que alguém se interrogue sobre universo e crânio, e agora chegámos, isto diz o guia indispensável, senhoras e senhores, turistas, viajantes ou simples curiosos, ao **Arco da Conceição**, onde existiu o chafariz célebre da Preguiça, dulcíssimas águas que mataram a sede e o apetite de trabalhar a muita gente, até hoje.

José SARAMAGO, *História do Cerco de Lisboa*

Ponto 10 – Restaurante da Baixa



Texto 1 -----

Jantaram num **restaurante da Baixa**, ela quis saber como ia a história do cerco, Menos mal, creio, para o absurdo que é, Ainda te falta muito para terminá-la, Poderia acabá-la em três linhas, no género depois casaram e foram muito felizes, no nosso caso os portugueses num supremo esforço tomaram a cidade, ou então ponho-me a enumerar as armas e as bagagens, a enredar as pessoas e as personagens, e nunca mais chegarei ao fim, uma alternativa seria deixá-la ficar tal qual está, agora que já nos encontrámos, Preferiria que a terminasses, tens de resolver as vidas daquele Mogueime e daquela Ouroana, o resto será menos importante, de toda a maneira sabemos como a história terá de acabar, a prova é estarmos a jantar em Lisboa, não sendo mouros nem turistas em terra de mouros, Provavelmente passaram por aqui as barcas que levaram ao cemitério os mortos do ataque às portas da cidade, Quando voltarmos para casa vou pôr-me a ler desde o princípio (...)

Maria Sara tinha o carro no **Largo dos Lóios**, a ambos apeteceu o passeio a pé pela noite quase tépida, um pouco húmida. Antes de descerem o Limoeiro demoraram-se no miradouro a olhar o Tejo, o largo e misterioso mar interior. Raimundo Silva pousara o braço no ombro de Maria Sara, conhecia este corpo, conhecia-o, e de conhecê-lo é que lhe vinha esta sensação de força infinita, e outra, contrária, de infinito vazio, de lassidão preguiçosa, como uma grande ave que pairasse sobre o mundo adiando o momento de pousar. Agora regressavam a casa, devagar, a noite parecia-lhes interminável, não tinham de correr para deter as horas, ou começá-las depressa, que mais do que isto não o permite o tempo. Disse Maria Sara, Estou

curiosa de ler o que escreveste, , pode ser que tenhas razão quando dizes que vais a caminho de ser autor, Pensava que tinhas tido o bom senso de não me tomares a sério, Nunca se sabe, nunca se sabe, os melhores panos não servem apenas para



neles caírem as nódoas, Se já como revisor estou condenado às penas do inferno, imagina que destino seria o meu como autor, Pior do que o inferno, suponho, só o limbo, Também acho, mas para o limbo já passei da idade, e, como sou baptizado, se vier a escapar do castigo, do prémio não escaparei, consta que não há alternativa, aqui era a **Porta de Ferro**, deitaram-na abaixo há uns duzentos anos, o que dela restava, claro está, quanto à dos mouros ninguém sabe como era (...) Maria Sara riu e disse, Gosto mesmo de ti. E Raimundo Silva, Estou a fazer o possível para que assim continues. Iam subindo a **Calçada do Correio Velho**, o tal caminho que ele evitava, porém hoje sentia-se leve e alado, e a fadiga, que sem dúvida tinha, era diferente, não reclamava o repouso, pedia uma fadiga nova. A esta hora a rua estava deserta, o lugar e a ocasião eram propícios, Raimundo Silva beijou Maria Sara, não há nada de mais comum nos dias de hoje, o beijo na via pública, mas devemos ter em conta que Raimundo Silva ainda vem duma geração discreta que não fazia demonstração de sentimentos, muito menos de desejos. O atrevimento, no fim de contas, não fora por aí além, uma rua solitária e pouco iluminada, mas é um princípio. Continuaram a subir, pararam no princípio das **escadas, S. Crispim** tem cento e trinta e quatro degraus, disse Raimundo Silva, e empinados como os dos templos astecas, mas chegando ao alto estamos logo em casa, Não me queixo, vamos, Ali em cima, por baixo daqueles janelões ainda há vestígios da muralha construída pelos godos, pelo menos assim o afirmam os entendidos, Entre os quais agora estás (...) paremos neste degrau um pouco, que preciso de respirar, ao menos um minuto, sentemo-nos.

José SARAMAGO, *História do Cerco de Lisboa*

Punto 11 – Cerca – Casa dos Bicos



Casa dos Bicos ou Casa de Brás de Albuquerque (1900).



A **Casa dos Bicos** ou **Casa de Brás de Albuquerque** foi construída em 1523, a mando de D. Brás de Albuquerque, filho natural legitimado do segundo governador da Índia portuguesa. Está situada a oriente do Terreiro do Paço, perto de onde ficavam a Alfândega, o Tribunal das Sete Casas e a Ribeira Velha (mercado de peixe e de produtos hortícolas, com inúmeras lojas de comidas e vinhos).

A fachada está revestida de pedra aparelhada em forma de ponta de diamante, os bicos, sendo um exemplo único de arquitectura civil residencial no contexto arquitectónico lisboeta. O proprietário mandou-a construir após uma viagem a Itália, onde terá visto pela primeira vez o Palácio dos Diamantes de Ferrara e o Palácio Bevilacqua, em Bolonha.

Na sua planta inicial tinha duas fachadas de pedras cortadas em pirâmide e colocadas de forma desencontrada, onde sobressaltavam dois portais manuelinos, o central e o da extremidade oriental, e ainda dois andares nobres. A fachada menos importante, encontrava-se virada ao rio.

Com o terramoto de 1755 tudo isto se destruiu e desapareceram os dois últimos andares. A família Albuquerque vendeu-a em 1973, tendo até então sido utilizada como armazém e como sede de comércio de bacalhau. Em 1983, por iniciativa do comissariado da XVII Exposição Europeia de Artes, Ciência e Cultura, foi reconstruída e foi reposta a sua volumetria inicial (foram acrescentados os dois andares que haviam desaparecido na tragédia), tendo servido como local de exposições.

Na Casa dos Bicos funciona hoje a **Fundação José Saramago**, acolhendo a biblioteca do escritor prémio Nobel da Literatura, assim como uma exposição permanente sobre a vida e obra de José Saramago.



A muralha pertencente à Cerca Moura passava por este local, tendo sido destruída para que pudesse ser construído o palácio. Escavações arqueológicas datadas da década de 1980 revelaram vestígios da muralha. Foram também revelados no seu interior outros elementos como tanques de salga da época romana, uma torre da época medieval e pavimento mudéjar.

Texto 1 -----

Que aconteceu, digam-me o que aconteceu. No instante seguinte estão braços a ajudá-lo a erguer-se, e uma voz forte e jovem quase grita, Vão-se os cruzados, os cruzados estão a retirar-se. (...) O almuadem levanta as mãos e toca com elas os olhos, Mas eu não vejo, neste instante o homem reconhece-o, Ah, és o almuadem, e faz um movimento como para afastar-se, que emenda logo, Não importa, vem comigo à muralha, eu digo-te tudo, a formosas atitudes como esta costumávamos nós chamar caridade cristã, o que uma vez mais vem demonstrar quanto as palavras andam ideologicamente desorientadas. (...) Acima

chegaram, pois, o velho e o seu protector, e pelo mesmo método de aviso e petição, boamente acolhido sem excepções, puderam tomar lugar num camarote de primeira ordem, com vista aberta para o esteiro, o rio largo, o mar imenso, mas não foi esta grandeza que fez o homem exclamar, Oh, que maravilha, sim o que disse logo a seguir, Almuadem, seria capaz de dar-te os meus olhos para que pudesses ver o que eu vejo, a armada dos cruzados a navegar rio abaixo, a água lisa e brilhante como só ela pode ser, e toda azul, da cor do céu que a cobre, os remos sobem e descem compassadamente, parecem as barcas um bando de aves que vai bebendo enquanto voa raso, duzentas aves de arribação que têm nome de galeras, fustas, galeotas e não sei que mais, que sou homem de terra, não de mar, e como vão rápidas, levam-nas os remos e a maré, por ela madrugaram e já partem, agora os da frente devem ter sentido o vento, estão a levantar as velas, ah, que outra maravilha seria se fossem brancas, este dia é de festa, almuadem, além, na outra margem, estão os nossos irmãos de Almada acenando, tão alegres como nós, salvos também pela vontade de Alá, Ele, o Mais Alto, o Misericordioso, o Incrariado, o Vivente, o Confortador, o Clemente, pela graça de Quem nos emos libertado da ameaça pavorosa daqueles cães que estão saindo a barra, cruzados são e atravessados sejam, com eles possa morrer e cair no esquecimento a beleza da sua saída, e que Malik, o guardião do inferno, os tenha para sempre e castigue.

José SARAMAGO, *História do Cerco de Lisboa*

Todos os Nomes



Saramago faleceu no dia 18 de junho de 2010, aos 87 anos de idade, na sua casa em Lanzarote onde residia com a mulher Pilar del Rio, vítima de leucemia crónica. O escritor estava doente havia algum tempo e o seu estado de saúde agravou-se na sua última semana de vida. O seu funeral teve honras de Estado, tendo o seu corpo sido cremado no Cemitério do Alto de São João, em Lisboa. As cinzas do escritor foram depositadas aos pés de uma oliveira, em Lisboa em 18 de junho de 2011.

A oliveira quase centenária foi trazida de Azinhaga por um motivo muito especial: fazer sombra às cinzas de José Saramago. Da aldeia do escritor veio a árvore. De Lanzarote, ilha onde ele e Pilar viveram durante 17 anos, foi trazida a terra. E do romance *Memorial do Convento* foi extraída a frase que está gravada na calçada da Rua dos Bacalhoeiros:

«Mas não subiu para as estrelas, se à terra pertencia»

José SARAMAGO, *Memorial do Convento*

Texto 2 -----

Finalmente, após andar por mais de cinco dolorosos quilômetros, o Sr. José encontra o túmulo da mulher desconhecida de acordo com o mapa, mas resolve dormir encostado a uma oliveira. A árvore que o Sr. José se acolheu é uma oliveira antiga, cujos frutos a gente do subúrbio continua a vir recolher apesar de o olival se ter tornado em cemitério. Com a muita idade, o tronco foi-se-lhe abrindo todo de um lado, de alto a baixo, como um berço que tivesse sido posto de pé para ocupar menos espaço, e é aí que o Sr. José dormita de vez em quando.

José SARAMAGO, *Todos os Nomes*, p. 236

Memorial do Convento

No *Memorial do Convento*, Baltasar vindo de sul atravessou o Tejo numa barca e desembarcou em Lisboa no mercado da Ribeira, frente à casa dos diamantes.

Texto 3 -----

Havia uma confusão de muletas e caravelões que descarregavam peixe, os olheiros gritavam e maltratavam de palavras e algum safanão os carregadores pretos que passavam ajouçados, encharcados pela água que escorria das grandes alcofas, com a pele dos braços e da cara salpicada de escamas. Parecia que tinham vindo juntar-se no mercado todos os moradores de Lisboa. A Sete-Sóis crescia-lhe a água na boca, era como se uma fome acumulada em quatro anos de campanha militar estivesse saltando agora os diques da resignação e da disciplina. Sentiu o estômago aos torções, inconscientemente procurou com os olhos a mulher do farnel, onde é que ela já iria, mais o seu sossegado marido, este provavelmente a mirar as fêmeas que passavam, a adivinhar se eram inglesas e de má vida, um homem precisa de fazer a sua provisão de sonhos.

José SARAMAGO, *Memorial do Convento*

Texto 4 -----

A barca aproou à Ribeira, fez o mestre manobra para encostar ao cais depois de ter arreado a vela, e os remadores levantaram num só movimento os remos do lado da atracação, os do outro lado harpejaram a amparar, mais um toque no leme, um cabo lançado por cima das cabeças, foi como se se tivessem juntado as duas margens do rio. Estando vaza a maré, ficava alto o cais, e Baltasar ajudou a mulher do farnel e o seu homem, de peito feito pisou o gracioso que não tugi nem mugiu, e, alçando a perna, num só impulso se achou em firme.

José SARAMAGO, *Memorial do Convento*

Ponto 12 – Arco de Jesus – Arco do Chafariz d’El-Rei



Representação da Porta do Chafariz d'El-Rei, num painel de azulejos do início do século XVIII.



O **Arco de Jesus** (a denominação do Arco provém de uma imagem do Menino Jesus colocada sob a abóbada, ou em cima dela; também nela existiu um painel de Santo António, dentro de um oratório, por cima do vão da travessa, pelo lado inferior, e que já existiria em 1627) parece ter sido uma das antigas portas, que dava passagem entre a praia e o interior da cidade. No período islâmico esta porta seria denominada *Bab al-Madiq*, porta do estreito também chamado Porta (velha) do Mar, ou porta do Furadoiro. Os registos escritos indicam que, aquando do cerco de Lisboa pelos castelhanos em 1373, já existiria neste local uma entrada para a cidade, chamada porta do furadoiro. Além disso, sabemos com certeza que, em 1588, existia aqui um arco com a denominação actual de Arco de Jesus. Em 1755, quando se deu o terramoto, este arco tinha, de um lado, os palácios de Francisco de Távora e, do outro, o palácio do Conde de Coculim. No Arco de Jesus existiriam compartimentos que pertenceriam a ambos os palácios, dividindo-se por cima do arco, tal como se pode observar ainda hoje.

O **Chafariz de El-Rei** foi construído entre duas torres da Cerca Velha e adossado à muralha, sendo possivelmente a mais antiga fonte pública de Lisboa, pois, segundo Vieira da Silva, já existiria no período romano, mas do lado interior da muralha. Este monumento teve um papel importante no abastecimento de água à cidade e especialmente no abastecimento dos barcos que partiam para as descobertas, desde o séc. XV. As duas torres não são actualmente visíveis, mas mantém-se junto ao chafariz, ocultas pelas fachadas dos prédios. Nas torres contíguas ao Chafariz encontravam-se pelo menos cinco lápides romanas, com inscrições latinas.

Texto 1 —————

Raimundo Silva não tem pressa. Consulta gravemente o itinerário, por sua satisfação vai tomando minuciosas notas mentais, por assim dizer complementares, que atestam a sua própria contemporaneidade, lá na Calçada do

Correio Velho uma soturna agência funerária, uma espuma branca no céu de azul, de avião a jacto, como no azul do mar a longa esteira de um barco rápido, a Pensão Casa Oliveira Bons Quartos da Rua da Padaria, o Restaurante Come Petisca Paga Vai Dar Meia Volta, mesmo ao lado das Portas do Mar, a Cervejaria Arco da Conceição, no dito, a alta pedra de armas dos Mascarenhas no cunhal de um prédio do **Arco de Jesus**, onde teria sido uma porta da cerca moura, a inscrição na parede, protestativa, o portal neoclássico do palácio dos condes de Coculim, que Mascarenhas eram, armazéns de ferro, nisso deram as grandezas, um mundo de coisas fugazes, transitórias, que o certo é todas o serem, sem excepção, pois já o rasto do avião se dissipou e do resto dará o tempo conta a seu tempo, é só ter a paciência de esperar. O revisor entrou em Alfama pelo **Arco do Chafariz d'El-Rei**, almoçará por aí, numa casa de pasto da **Rua de S. João da Praça**, para os lados da **torre de S. Pedro**, uma refeição popular portuguesa de carapaus fritos e arroz de tomate, com salada, e muita sorte, que lhe calharam no prato as tenríssimas folhas do coração da alface, onde, verdade que não a sabe toda a gente, se acolhe a frescura incomparável das manhãs, a orvalhada, o rocío, que tudo é o mesmo, mas se deixa repetido pelo simples gosto de escrever as palavras e dizê-las de modo saboroso. À porta do restaurante estava uma rapariguinha cigana, de uns doze anos, estendia a mão, à espera, sem pronunciar palavra, apenas olhando fito o revisor, que, indo atrás dos pensamentos que o ocupam, não viu cigana, mas moura, na hora da primeira necessidade, quando ainda havia a quem pedir e os cães, os gatos e os ratos julgavam ter vida assegurada até à sua natural morte, por doença ou guerra das espécies, afinal, o progresso é uma realidade, hoje ninguém, em Lisboa, anda à caça de animalejos destes para comer, Mas o cerco não acabou, avisam os olhos da cigana.

José SARAMAGO, *História do Cerco de Lisboa*

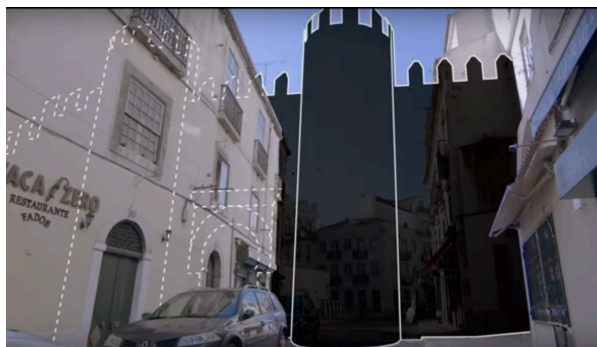
Viagem a Portugal

Texto 2 -----

O viajante torna sobre os seus passos, encontra no caminho outro **chafariz**, denominado **de El-Rei**, cujo não se sabe quem possa ter sido, porque no reinado de D. Afonso II lhe fizeram obras e no de D. João V lhe puseram as nove bicas que hoje tem secas. O mais provável é ter o nome resultado do furor consagratório do Magnânimo. Não resta muito mais da antiga cidade por estas bandas: está aqui a Casa dos Bicos, modesta prima afastada do Palácio dos Diamantes de Ferrara, e além o pórtico da Igreja da Conceição Velha, manuelino belíssimo que o terramoto não derrubou.

José SARAMAGO, *Viagem a Portugal*

Ponto 13 – Torre de Alfama (Torre de São Pedro) – Porta de Alfama



A **Torre de Alfama** poderá ser uma torre albarrã (do árabe *bar-rani* -exterior) ou uma torre couraça, que ainda hoje se mantém, na sua quase totalidade, ligada à muralha principal por um pano de muro com 26m de comprimento, o qual é bem visível na rua da Judiaria. Esta torre protegia a entrada para o interior da Medina, que era conhecida em época árabe como *Bab al-Hamma*, Porta dos Banhos. Este nome explica a etimologia de Alfama, visto que, perto desta entrada da cidade, estariam localizados, muito provavelmente, os banhos públicos (*Hammam*) de *Al-Ušbuna*. Na realidade, ainda hoje, esta zona específica de Alfama é rica em fontanários, aí existindo também alguns balneários públicos. Teria, na sua versão original, cerca de 21 metros de altura, apresenta uma planta invulgar em losango e está assente de uma forma parcial em rocha. O facto de ter sido identificada neste local uma nascente, criou a dúvida de que esta torre estaria destinada a proteger um posto de abastecimento de água. Data de 1263 o nome que ainda hoje detém, Torre de São Pedro, pela proximidade com a já desaparecida igreja de São Pedro, fundada em 1191.

Chegou ainda a ser utilizada, segundo os manuscritos, como prisão nos finais dos séculos XIV e XV, perdendo depois a sua função militar para ser anexada ao palácio contíguo.

Na **rua da Judiaria** encontramos um pano de muralha bastante bem conservado, com dois contrafortes pertencentes à Cerca bem visíveis. Além disso, vê-se uma abertura na muralha que estava até há pouco tempo tapada por um prédio adossado à muralha, que foi demolido. Por cima da cerca foi construído um palácio, do qual ainda se podem observar três vãos de janelas em mármore, de estilo manuelino. Esta zona era uma pequena judiaria onde os judeus de Lisboa estavam confinados a viver, sendo que aqui teria havido uma sinagoga, construída em 1379, mas mandada fechar pouco depois, porque perturbava o funcionamento das igrejas mais próximas

Texto 1 -----

Está pois claro que os doze mil soldados do rei Afonso vão ter de ser divididos em cinco grupos para cobrirem as portas igualmente, e quem diz cinco deveria dizer seis, porque não nos podemos esquecer do mar, que verdadeiramente mar não é,

mas rio, porém o uso faz lei, chamaram-lhe os mouros mar, e nós até hoje, ora, sendo assim, dos grupos falamos, que é que temos, a ridicularia de dois mil homens para cada frente de batalha. Sem contar, Deus nos ajude, com o problema apresentado pelo esteiro. Não bastava já o escarpado dos acessos, se se exceptuar a **porta de Alfama**, que está em terreno chão, ainda tinha este esteiro de vir intrometer-se para agravar a já de si complicada disposição das tropas, por enquanto espalhadas por aqueles altos e encostas do Monte de S. Francisco, até S. Roque, descansando, poupando as forças na suavidade das sombras, mas se de uma tal distância não se poderia lançar um ataque, nem as armas de tiro alcançam, tão-pouco seria isto cerco digno do nome com aquele esteiro ali em baixo, desguarnecido, dando passagem franca a reforços e abastecimentos vindos da Outra Banda, que contra eles não chegaria a ser duradouro obstáculo a frágil linha de bloqueio naval que viesse a ser estabelecida. Sendo assim, parece não haver outra solução que passar mesmo quatro mil homens para o lado de lá, enquanto os outros irão a rodear pelo caminho que tomaram os parlamentários João Peculiar e Pedro Pitões, colocando-se finalmente em frente das três portas viradas a norte e oriente, a saber, a de Martim Moniz, a do Sol e a de **Alfama**, como explicado já ficara antes e agora se repetiu, por comodidade do leitor e redondeio do discurso. Tornando à cautelosa e dubitante frase de D. Afonso Henriques, dito assim até parece fácil, porém, um simples olhar ao mapa mostrará logo a complexidade dos problemas de intendência e logística que vai ser necessário pôr em equação e resolver.

José SARAMAGO, *História do Cerco de Lisboa*

Texto 2 -----

Porém, está tão acostumado a esse criado que não se sente inclinado a dispensá-lo, posto o que, tudo considerado, o chamou para dizer-lhe que prepare bagagens e armas porque amanhã cedinho descerão destas alturas protegidas para se juntarem às tropas que entestam com a Porta de Ferro, onde, a seu governo e mando, irão construir uma torre de assalto, A ver quem mais depressa a acabará, se nós, ou os franceses, ou os normandos, na Porta do Sol e na **Porta de Alfama...**

José SARAMAGO, *História do Cerco de Lisboa*

Texto 3 -----

O revisor entrou em Alfama pelo Arco do Chafariz d'El-Rei, almoçará por aí, numa casa de pasto da Rua de S. João da Praça, para os lados da **torre de S. Pedro**, uma refeição popular portuguesa de carapaus fritos e arroz de tomate, com salada, e muita sorte, que lhe calharam no prato as tenríssimas folhas do coração da alface, onde, verdade que não a sabe toda a gente, se acolhe a frescura incomparável das manhãs, a orvalhada, o rocio, que tudo é o mesmo, mas se deixa repetido pelo simples gosto de escrever as palavras e dizê-las de modo saboroso.

José SARAMAGO, *História do Cerco de Lisboa*

Viagem a Portugal

Texto 4 -----

O viajante ainda não descerá a **Alfama**. Primeiro tem aqui a Igreja e o **Mosteiro de São Vicente de Fora**, construídos, é o que diz a tradição, em terras onde acamparam os cruzados alemães e flamengos que deram a D. Afonso Henriques a mão necessária para conquistar Lisboa. Do mosteiro então mandado construir pelo nosso primeiro rei não restam vestígios: o edifício foi arrasado no tempo de Filipe II, e em seu lugar levantado este. É uma imponente máquina arquitectónica, pautada por uma certa frieza de desenho, muito comum no maneirismo. Acusa no entanto uma personalidade clara ainda que discreta na frontaria. (...)

Agora é que o viajante vai a Alfama, disposto a perder-se na segunda esquina e decidido a não perguntar o caminho. É a melhor maneira de conhecer o bairro. Há risco de falhar qualquer dos lugares selectos (a casa da Rua dos Cegos, a casa do Menino de Deus, ou a do Largo Rodrigues de Freitas, a Calçadinha de São Miguel, a Rua da Regueira, o Beco das Cruzes, etc.), mas, andando muito, acabará por lá passar e entretanto ganhou encontrar-se mil e uma vezes com o inesperado.

Alfama é um animal mitológico. Pretexto para sentimentalismos de várias cores, sardinha que muitos têm querido puxar à sua brasa, não barra caminhos a quem lá entra, mas o viajante sente que o acompanham irónicos olhares. Não são os rostos sérios e fechados do Barredo. Alfama está mais habituada à vida cosmopolita, entra no jogo se daí tira alguma vantagem, mas no segredo das suas casas deve rir-se muito de quem a julga conhecer por lá ter ido numa noite de Santo António ou comer arroz, de cabidela. O viajante segue pelos torcidos becos, este em cujas casas de um e outro lado quase os ombros tocam, e lá em cima o céu é uma frincha entre beirais que um palmo mal separa, ou por estes inclinados largos cujos desníveis dois ou três lanços de degraus ajudam a vencer, e vê que não faltam flores nas janelas, gaiolas e canários dentro, mas o mau cheiro dos esgotos que na rua se sente há-de sentir-se ainda mais dentro das casas, algumas onde o sol não entrou nunca, e estas ao nível do chão só têm por janela o postigo aberto na porta. O viajante tem visto muito de mundo e vida, e nunca gostou de achar-se na pele do turista que vai, olha, faz que entende, tira fotografias e regressa à sua terra a dizer que conhece Alfama. Este viajante deve ser honesto. Foi a Alfama, mas não sabe o que Alfama é. (...)

Este lado da cidade não tem beleza. O viajante não se refere ao rio, que esse, mesmo desfeado de barracões, sempre encontra um raio de Sol para receber e devolver ao céu, mas sim aos prédios, os antigos que são como muros com janelas, os novos que parecem copiados de sonhos psiquiátricos. Vale ao viajante levar a promessa do **Convento da Madre de Deus**.

José SARAMAGO, *Viagem a Portugal*

Ponto 14 – Porta do Sol – Pátio da Senhora de Murça – Pátio de D. Fradique

A **Porta do Sol** ficava contígua à Igreja de São Brás da Ordem de Malta, hoje chamada de Santa Luzia, cujo campanário edificaram sobre a muralha que vai pela Adiça a São Pedro, entre duas antigas torres. O muro desta porta, que o terramoto de 1755 arruinou, ia incorporar-se com o muro do Castelo de São Jorge, junto da Porta de Dom Fradique.



No interior deste tradicional **Pátio da Senhora de Murça**, ao qual se tem acesso pela rua de São João da Praça, podemos ver um pano de muralha relativamente bem conservado. Aqui podemos ver diferentes níveis da muralha, alvo de várias reparações ao longo dos séculos, e a intervenção arqueológica por parte do Museu da Cidade. A muralha revela-se de forma excepcional neste pátio e no interior do restaurante Pátio de Alfama, onde parte considerável da Cerca se mantém como parede.

Os dois **pátios de D. Fradique**, de Cima e de Baixo, ligam-se por um corredor abobadado, onde se situaria a anterior porta antiga da Cerca. O corredor possui cerca de 22m de comprimento e 3,5m de largura, sendo que, sobre este ergue-se uma das torres de defesa da porta de entrada na cidade e, pouco mais a sul, revela-se, ainda hoje, uma torre bem visível dos pátios das oficinas da Fundação

Ricardo Espírito Santo. Actualmente apenas o Pátio de Cima está recuperado, sendo que o Pátio de Baixo está em obras de recuperação.

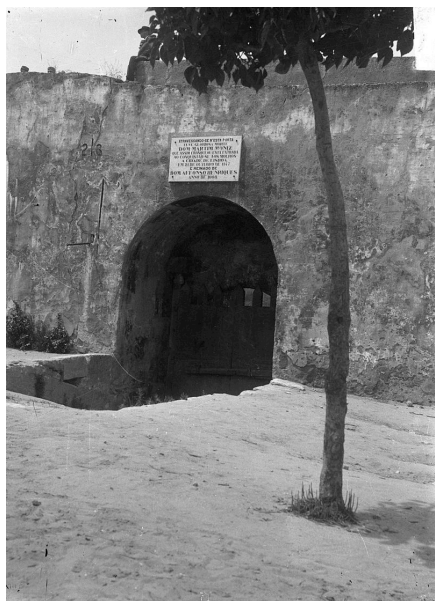
Texto 1 -----

Raimundo Silva percorrerá mais lentamente o que ainda lhe falta inspeccionar, um outro lanço da muralha no **Pátio do Senhor da Murça**, a **Rua da Adiça**, por onde a cerca subia, e a Norberto de Araújo, de baptismo recente, ao cimo um poderoso pano de muro, carcomido na base, estas são pedras vivas verdadeiramente, estão aqui há nove ou dez séculos, se não mais, do tempo dos bárbaros, e resistem, aguentam impávidas a torre sineira da igreja de Santa Luzia ou de S. Brás, tanto faz, neste lugar se abriam, ladies and gentlemen, as antigas **Portas do Sol**, a nascente viradas, primeiras a receber o rosado hálito do amanhecer, agora não resta mais que o largo que delas tomou o nome, porém, não mudaram os efeitos especiais da aurora, um milénio, para o sol, é como um breve suspiro nosso, sic

transit, claro está. A cerca continuava por estas bandas, em ângulo obtuso, muito aberto, direita à muralha da alcáçova, assim ficando rematada a cintura da cidade, desde o rente das águas, em baixo, até aos nós de encontro no castelejo, cabeça alta e robustos encaixes, braços arqueados, dedos entrelaçados, firmes, como de mulher sustendo o ventre grávido. O revisor, cansado, sobe à **Rua dos Cegos**, entra no **Pátio de D. Fradique**, o tempo abre-se em dois ramos para não tocar nesta aldeia rupestre, está assim, a bem dizer, desde os godos, ou os romanos, ou os fenícios, depois é que vieram os mouros, os portugueses de raiz, os filhos e os netos deles, estes que somos, o poder e a glória, as decadências, primeira, segunda e terceira, cada uma delas dividida em géneros e subgéneros. À noite, neste espaço entre as casas baixas, juntam-se os três fantasmas, o do que foi, o do que esteve para ser, o do que poderia ter sido, não falam, olham-se como se olham cegos, e calam.

José SARAMAGO, *História do Cerco de Lisboa*

Ponto 14 – Porta Martim Moniz (também chamada Porta Moniz, Porta do Sol e Porta do Norte)



Lado interior da Porta do Moniz, circa 1900.



Busto de Martim Moniz sobre a porta de seu nome.

A **Porta do Moniz, Porta de Martim Moniz, Porta do Sol** e **Porta do Norte** é a terceira porta da muralha do castelo São Jorge, que faz face à Igreja do Convento da Graça, em 1838 igreja paroquial de Santo André e Santa Marinha. Por 1760 a porta ficava no interior do Castelo, no fim da rua direita da paroquial de Santa Cruz. Segundo a tradição, nesta porta se atravessou e morreu o valoroso capitão de D. Afonso Henriques, Martim Moniz, para facilitar a entrada aos portugueses durante a Conquista de Lisboa. Diz-se que D. Afonso Henriques, para memória de tão ilustre feito, mandou colocar no alto dela uma perfeita cabeça, de fino mármore, sob a qual há a seguinte inscrição:

El Rei Dõ Afonso Henriques mandou aqui colocar esta statua e cabeça de pedra em memoria da gloriosa morte que Dõ Marti Moniz progenitor da família dos Vasconcelos recebeu nesta porta quando atravessando-se nela franqueou aos seus a entrada com que se ganhou aos Mouros esta cidade no ano de 1147.

João Roiz de Vasconcelos e Sousa Conde de Castelmelhor seu decimoquarto neto por baronia fes aqui por esta inscripção anno de 1646

Abaixo desta porta, na Costa do Castelo, existiu uma povoação denominada Vila Quente, que foi submergida pelo terramoto que sucedeu em Lisboa a 26 de Janeiro de 1531.

Texto 1 -----

Ora, neste caso de que nos estamos ocupando, o cerco de Lisboa, qualquer aviso teria sido redundante, não só por, a bem dizer, estarem as pazes rotas desde a tomada de Santarém, como por serem evidentes e manifestas as intenções de quem juntou exército tão numeroso nas colinas de além e só não pôde acrescentar-lhe umas tantas divisões mais por causa de um erro tipográfico agravado de sentimentos de despeito e vaidade ofendida. Porém, e ainda assim, há que cumprir e respeitar as formalidades, adaptando-as a cada caso, por isso determinou el-rei que fossem a parlamentar com o governador da cidade D. João Peculiar e D. Pedro Pitões, acompanhados de fidalguia bastante, com reforço de homens de armas na proporção, tanto para o luzimento como para a segurança. Com vista a esquivar a surpresa duma traição irreparável não atravessaram o esteiro, pois não é necessário ser estrategico como

Napoleão ou Clausewitz para perceber que, se aos mouros desse para porem mão nos emissários e estes quisessem fugir, o esteiro estaria ali para cortar qualquer tentativa de retirada rápida, se é que as brigadas de assalto mouriscas, entretanto, em manobra de envolvimento, não teriam já destruído os batelões de desembarque. Deram pois os nossos a volta por onde foi dito que a volta tinha de ser dada, seguindo **Rua das Taipas** abaixo até ao **Salitre**, depois, com o susto natural em quem entra no campo inimigo, patinhando na lama em direcção à **Rua das Pretas**, logo subindo e descendo, primeiro ao **Monte de Santa Ana**, depois pela **Rua de S. Lázaro**, passando a vau o arroio que vem de Almirante Reis, e outra vez fatigosamente trepando, que ideia esta, vir conquistar uma cidade toda aos altos e baixos, pela **Rua dos Cavaleiros** e pela **Calçada de Santo André** até às imediações da porta a que hoje chamamos de **Martim Moniz**, sem razão nenhuma. A caminhada foi longa, pior com este calor, apesar da hora matinal a que saíram, as mulas têm o pêlo empapado em espuma, e os cavalos, poucos, vão no mesmo estado, se não pior, porquanto lhes falta a resistência dos híbridos, são bestas mais delicadas. (...)

Eirados, ameias e caminhos de rolda do alcáçar estão apinhados de escuros e barbados mouros que fazem gestos de ameaça, porém calados, poupando as palavras, que talvez os cristãos acabem por retirar-se, como fizeram há cinco anos, e sendo assim seriam ofensas perdidas. Abriram-se de par em par as duas folhas da porta, reforçadas de cravos e cintas de ferro, e saíram por ela uns quantos mouros em passo lento, um deles, passado da idade, poderá ser o governador (...) Portanto, indo contra o costume e convenção, e com uma infinita pena de ter de desmentir aplaudidíssimas tradições de espectáculo e de históricas cenografias, somos obrigados, por amor à simples verdade, a declarar que os emissários de um lado e do outro se encontraram a poucos passos de distância, e a esse fácil alcance é que falaram, como única maneira de se fazerem ouvir, ficando os circunstantes, tanto os mouros do castelo como os portugueses da companhia, à espera do desenlace do colóquio diplomático (...)

Disse o arcebispo, e Rogeiro logo em abreviado e taquigráfico o registou, para mais tarde deixando os aformoseamentos oratórios com que brindará aquele seu destinatário distante (...) Viemos aqui para nos reconciliarmos, principiara o arcebispo, e continuou, pois temos pensado que sendo todos, nós e vós, filhos da mesma natureza e de um mesmo princípio, mal parecia que prosseguíssemos nesta mais do que desagradável contenda, e assim gostaríamos que acreditásseis que não viemos cá para tomar a cidade ou despojar-vos dela, por onde já podeis ir começando a apreciar a benignidade dos cristãos em geral, que ainda quando exigem o que é seu, não roubam o alheio, e se nos argumentais que a isso mesmo é que viemos, responderemos que só reivindicamos como sendo de nosso direito a posse desta cidade (...) e vos pedimos que nos entregueis apenas a fortaleza do vosso castelo, ficando cada um de vós com a sua antiga liberdade, porque vos não queremos expulsar de vossas casas, onde vos protesto que podeis viver dentro dos

costumes, a não ser que, pela conversão, queirais vir livremente aumentar a Igreja de Deus (...)

E agora, sim, antes que o resto do discurso se perca também, dêmos ouvidos e atenção ao governador dos mouros, notando desde já como lhe sai tranquila a voz, no tom de quem sossegadamente discorre sobre alguns dados da evidência e dela não pensa afastar-se. Como quereis vós, perguntava ele, que acreditemos nisso que dissestes de que somente desejais que vos entreguemos a fortaleza do nosso castelo, ficando nós com a liberdade, e que não quereis expulsar-nos das nossas casas, se vos desmente o exemplo do que haveis feito em Santarém, onde por morte atrozíssima até aos velhos roubastes a pouca vida que lhes restava, e às indefesas mulheres degolastes como a cordeiros inocentes, e aos meninos esquartejastes sem que se vos derretesse o coração o débil clamor, ora não me digais que se vos apagaram da memória os tristes sucessos, que se é verdade que não podemos trazer-vos aqui os mortos de Santarém, podemos, isso sim, chamar todos quantos, feridos, chagados e mutilados, ainda tiveram forças para se recolherem à nossa cidade, esses mesmos que agora iríeis exterminar de vez, e a nós com eles, pois não vos bastou o primeiro crime, porém, desenganaivos que nunca foi nossa intenção entregar-vos Lisboa pacificamente ou submetê-la ao vosso domínio, deixando-nos ficar nela, concordai que seria grande a nossa ingenuidade se trocássemos o certo pelo incerto, o seguro pelo duvidoso, fiados apenas dessa palavra que tão pouco vale, a vossa. (...)

No silêncio ouviu-se a voz do arcebispo de Braga, uma ordem dada ao escrivão, Frei Rogeiro, não fareis constância do que disse esse mouro, foram palavras lançadas ao vento e nós já não estávamos aqui, íamos descendo a **encosta de Santo André**, a caminho do real onde el-rei nos espera, ele verá, sacando nós as espadas e fazendo-as brilhar ao sol, que é começada a batalha, isto sim, podeis escrever.

José SARAMAGO, *História do Cerco de Lisboa*

Viagem a Portugal

Texto 2 -----

Até agora não falou o viajante do **castelo** dito de **S. Jorge**. Visto cá de baixo a vegetação quase o esconde. Fortaleza de tantas e tão remotas lutas, desde romanos, visigodos e mouros, hoje mais parece um parque. O viajante duvida se o preferiria assim. Tem na memória a grandeza de Marialva e de Monsanto, formidáveis ruínas, e aqui, apesar dos restauros, que num princípio reintegrariam a fortaleza na sua recordação castrense, acaba por ter significado maior o pavão branco que se passeia, o cisne que voga no fosso.

O miradouro faz esquecer o castelo. Nem parece que naquela porta morreu entalado **Martim Moniz**. É sempre assim: sacrifica-se um homem pelo jardim dos outros.

José SARAMAGO, *Viagem a Portugal*

Ponto 16 – Rua do Chão da Feira - Porta de S. Jorge



A Rua do Chão da Feira, que se situa em frente à porta principal do Castelo de São Jorge, foi anteriormente designada apenas como Chão da Feira. Cristóvão Rodrigues de Oliveira regista-a no seu Sumário de Lisboa em 1551, incluindo-a na antiga freguesia de São Bartolomeu. Gomes de Brito informa que a feira a que se refere a denominação é a célebre feira que se fez entre 1212 e 1223.

Texto 1 -----



Ora, se a situação, aqui, nesta cidade de Lisboa, fosse efectivamente de iminência de cerco e assalto, não estariam estes turistas a chegar, são os primeiros da manhã, em dois autocarros, um de japoneses, óculos e máquinas fotográficas, outro de anoraques e calças de cores americanas. Reúnem-se atrás dos intérpretes, e lado a lado, em duas colunas separadas, lançam-se à subida, vão entrar pela **Rua do Chão da Feira**, a porta onde está o **nicho de S.**

Jorge, admirarão o santo e o dragão medonho, ridículo de tamanho, este, a olhos de japoneses habituados a mais prodigiosas bestas da espécie. Quanto aos americanos, será notória a humilhação de reconhecerem quão pobre figura, afinal, faz um vaqueiro do Oeste laçando um bezerro desmamado, em comparação com o cavaleiro de armas de prata, invencível em todos os combates (...)

José SARAMAGO, *História do Cerco de Lisboa*

Texto 2 -----

Raimundo Silva senta-se num banco de pedra, à fria sombra da tarde, consulta pela última vez os papéis e verifica que nada mais há para ver, ao castelo conhece-o o suficiente para não ter de voltar hoje, mesmo sendo dia de inventário. O céu começa a tornar-se branco, talvez um aviso do nevoeiro prometido pela meteorologia, a temperatura desce rapidamente. O revisor sai do pátio para a **Rua do Chão da Feira**, em frente é a **Porta de S. Jorge**, mesmo daqui se pode ver que há pessoas a tirar fotografias ao santo, ainda. A menos de cinquenta metros, embora invisível daqui, está a sua casa, e, ao pensá-lo, apercebe-se, pela primeira vez com evidência luminosa, de que mora no preciso lugar onde antigamente se abria a **Porta de Alfafa**, se da parte de dentro ou da parte de fora eis o que hoje não se pode averiguar e impede que saibamos, desde já, se Raimundo Silva é um sitiado ou um sitiante, vencedor futuro ou perdedor sem remédio. (...)

José SARAMAGO, *História do Cerco de Lisboa*

Punto 16 – Castelo de São Jorge



As primeiras fortalezas do **Castelo de São Jorge**, antigo **Paço de Alcáçova**⁷ datam do século I a.C. tendo ele sido reconstruído diversas vezes por vários povos e recebido diferentes nomes. O nome actual deriva da devoção do castelo a São Jorge, santo padroeiro dos cavaleiros e das cruzadas, feita por ordem de D. João I no século XIV.

Os elementos sobre a construção do Castelo são escassos; sabe-se, contudo, que a fortificação romana feita em 137 a.C. por Júnio Bruto assentava sobre um castro pré-existente. Nada se sabe desta fortificação durante o período visigodo, só voltando a haver informação no período mulçumano, com adaptação do castelo às conceções militares vigentes; são dessa altura as construções inscritas na designada Cerca Moura.

Com a conquista de Lisboa em 1147 por D. Afonso Henriques, vai decaindo a função defensiva do burgo medieval, tendo sofrido por isso alterações no reinado de D. João I que lhe reduziram o poder militar, e a quem se deve a designação de Castelo de São Jorge.

Importantes obras de restauro foram-lhe feitas em 1938, que lhe restituíram a traça primitiva mantendo o traçado para a ponte levadiça; mas a fim de melhorar o acesso dos visitantes foi aberta na barbacã uma passagem para a porta principal de dois arcos, fora da traça original.

⁷ Alcáçova, em árabe, significa cidadela e foi como ficou conhecido o Castelo de São Jorge na época da ocupação moura. A alcáçova possui arquitetura militar típica das construções mourisca, com os pátios divididos em dois: um para abrigar o povo e outro para a mesquita.

Atualmente o castelo ocupa uma área de 6000m² e apresenta forma quadrangular; possui 10 torres e as muralhas mostram uma altura média de 10m e uma espessura que varia entre os 2,5m e os 5m consoante as zonas, tendo um adarve ou pequeno caminho de ronda e pequenos muretes (exceto nas muralhas junto à Torre do Observatório e na quadrela sul entre a Torre principal e o Vértice Sudoeste). Muito provavelmente estes adarves seriam coroados de ameias, sendo as torres e panos da muralha em cantaria calcária aparelhada.

As muralhas leste e sul, as mais suscetíveis de serem atacadas, tinham maior espessura e robustez e eram protegidas pela barbacã, que por sua vez, estava protegida por um fosso que possivelmente rodeava o perímetro do castelo.

As faces viradas a sul e a nascente assentam sobre terreno menos resistente e por isso são protegidas por uma alta barbacã que se apoia nas torres dos vértices de nordeste e de sudoeste e que apresenta estreitas seteiras e forte jorramento na metade inferior. Entre a barbacã e a muralha existe um fosso seco. O vértice nordeste é mal definido e substituído por um pano de quadrela, do qual sai um esporão que desce a encosta até à **torre de São Lourenço**, encostada à Rua da Costa do Castelo. Um muro interior reto, apoiado num cubelo, liga as faces norte e sul do castelo, dividindo-o em duas praças de armas desiguais, com uma porta de comunicação. Na muralha norte abre-se a **Porta da Traição** protegida por um pano de muro exterior de primitiva construção romana e de pequenas dimensões. Segundo uma planta de 1650 existia uma outra porta que conduzia a um caminho subterrâneo. É provável que no interior das muralhas (que chegam a atingir 5m de espessura) existam escadarias, subterrâneos e esconderijos.



Lisboa (*Civitates orbis terrarum*, 1572): ao fundo, o Castelo de S. Jorge.

No canto noroeste situa-se a **Torre da Cisterna**, assim chamada porque depois de um acesso por porta ogival e por uma escadaria de oito degraus, encontra-se a boca de uma cisterna com armação de ferro. Sensivelmente ao centro da face norte situa-se outra torre, de eirado coberto de canudo, formando uma sala rasgada em cada uma das paredes por janelas ogivais e com duas portas de perfil em ogiva (a este e a oeste). É no percurso entre estas duas torres que se encontra a lendária porta de Martim Moniz. Daí em diante o muro inflete para sul, integrando ainda algumas torres, entre elas a de Santa Cruz, que sustenta o campanário da Igreja de Santa Cruz; depois o muro perde-se na massa de construções civis como o Palácio Belmonte, onde estão dissimuladas outras duas torres e termina na Rua do Chão da Freira, por um grande paredão de alvenaria do séc. XVII, por onde se tem acesso à Cidadela. Esta porta foi construída no séc. XIX (com mármore da capela do extinto Convento dos Loios), e substituiu a antiga porta de São Jorge que tinha uma situação ligeiramente diferente. Nela começa a Rua de Santa Cruz do Castelo, que outrora se chamava Rua Direita de Santa Cruz.

No vértice sudeste ergue-se a **Torre do Observatório**, pois crê-se que ali existiu o primeiro Observatório Astronómico de Lisboa, montado em 1779 pelo lente de matemática José Anastácio da Cunha. Em 1788 foi instituído o Observatório Geodésico, que se manteve praticamente até aos nossos dias. Medindo 112,29m sobre o nível do mar foi durante muito tempo o ponto mais alto da cidade.

A meio da face oriental das muralhas eleva-se uma torre de eirado descoberto e com seteiras em três das suas paredes, a cerca de 2 m do nível do adarve.

A **Torre de Ulisses** era chamada a **Torre Albarrã** e situa-se na muralha sul. Nos documentos antigos mostra que primitivamente estaria destacada da muralha. Tem 10m de face por 20m de altura sobre um primitivo nível terraplenado e era oca em dois terços da sua altura. Esta torre tem dois andares. O primeiro está à altura de 6m do solo e corresponde a uma sala com teto de abóbada de arcos de volta perfeita. A entrada desta sala é feita pela porta da face sul, subindo-se por uma escada exterior com dois lanços. No segundo andar está uma sala retangular que foi alvo dos restauros de 1939 que lhe revestiu o teto com travejamento de madeira, sendo iluminada por três seteiras. O acesso faz-se por uma porta relativamente baixa, localizada na vertente norte da torre, perto de um pequeno terraço no topo de uma escadaria que começa no muro do adarve. O antigo eirado desta torre foi substituído por um telhado de quatro águas de canudo português, onde se erguem dois mastros para içar a bandeira nacional e a bandeira da cidade. Segundo investigações recentes esta seria a Torre de Menagem.

A torre do vértice sudoeste, onde se encontrava o Paço da Alcaçova, supõe-se que tenha sido depósito do tombo, por isso chamada **Torre do Tombo**. Serviu também de guarda do erário régio (ou chancelaria) dos primeiros monarcas; foi utilizada por D. Fernando como arquivo nacional e mais tarde, com D. João III foi-lhe agregada uma biblioteca.

Atravessando a Porta de São Jorge, percorre-se uma rampa que nos conduz à porta de acesso à Esplanada, um aprazível terreiro muralhado, de onde se tem uma panorâmica da cidade, em especial da Baixa Pombalina. A norte desta Esplanada situa-se a zona nobre do castelo, encontrando-se o já referido **Paço da Alcáçova**, onde nasceram reis e que até ao reinado de D. Manuel foi residência régia. Do que foi restaurado destaca-se a Sala Gótica (ou Sala Ogival), de duas naves separadas por uma fileira de arcos em ogiva com arestas em bisel assentes em colunas grossas e baixas, oitavadas, com capitéis apenas molduradas. Encostado à face sul desta sala, há um quadrilátero com colunas oitavadas e capitéis desprovidos de esculturas, que provavelmente foi um pátio ou átrio associado à Capela Real de São Miguel. A nascente da cabeceira da Capela,

que também foi conhecida por Ermida de Santa Bárbara, encontra-se um espaço balizado por troços de colunas, que pela tradição oral e escrita foi o Largo de Santa Bárbara. A poente da Sala Gótica existem séries de arcarias de arco abatido, de tijoleira, provavelmente do séc. XVII parte das quais estão na atual Casa do Leão⁸.



Detalhe do Castelo de São Jorge e das muralhas da cidade no panorama geral de Lisboa durante o cerco de D. Afonso Henriques na *Crónica de D. Afonso Henriques* de Duarte Galvão (1505).

Texto 1 -----

Há meses que Raimundo Silva não entra no castelo, mas agora vai lá, acabou de o decidir, embora pense que, finalmente, para isso é que saiu de casa, ou então não lhe teria ocorrido tão naturalmente a ideia, o seu espírito, façamos de conta, criou-lhe um sentimento de repugnância, de invencível resistência à necessidade de ter de entrar na cozinha, mas fê-lo

para melhor o levar ao engano, temeu que à sugestão, Vamos ao castelo, ele respondesse de mau modo, Fazer o quê, e precisamente isso era o que o espírito, ou não sabia, ou não podia confessar. O vento sopra em rajadas violentas, os cabelos do revisor agitam-se num remoinho, as abas da gabardina estalam como lençóis molhados. É um disparate vir ao castelo com um tempo assim, subir às torres desabrigadas, pode mesmo cair duma daquelas escadas sem corrimão, a vantagem é não haver ninguém, pode-se desfrutar do sítio sem testemunhas, ver a cidade, Raimundo Silva quer ver a cidade, ainda não sabe para quê. A grande esplanada está deserta, o chão alagado de poças de água que o vento empurra em minúsculas ondas, e as árvores rangem aos sacões da ventania, isto é quase um ciclone, autorize-se o exagero da expressão em cidade que no ano de mil

⁸ https://www.e-cultura.pt/patrimonio_item/2238

novecentos e quarenta e um sofreu os ainda assim modestos efeitos de um rabo de tufão e ainda hoje fala disso para queixar-se dos prejuízos como daqui por cem anos ainda se queixará de lhe ter ardido o Chiado. Raimundo Silva aproxima-se do muro, olha para baixo e ao longe, os telhados, as regiões superiores das fachadas e das empenas, à esquerda o rio sujo de barro, o arco triunfal da Rua Augusta, a confusão das ruas quadriculadas, um ou outro canto duma praça, as ruínas do Carmo, as outras que ficaram do incêndio. Não fica ali muito tempo, e não é por incomodá-lo demasiado o vento, obscuramente sabe que este seu insólito passeio tem um fito, não veio aqui para contemplar as torres das Amoreiras, já foi pesadelo suficiente terem-lhe aparecido em sonho. Entrou no castelo, de cada vez surpreende-o que seja tão pequeno, uma coisa que parece de brincar, um outro legos ou meccano. Os muros altos reduzem o ímpeto maior da ventania, dividem-na em múltiplas e contrárias correntes que se engolfam pelos arcos e passagens. Raimundo Silva conhece os caminhos, vai subir à muralha do lado de S. Vicente, ver daí a disposição dos terrenos. E lá está, o cabeça da Graça, enfrentando-se com a torre mais alta, e o rebaixo para o Campo de Santa Clara, onde assentou arraiais D. Afonso Henriques com os seus soldados, que nossos foram, primeiros pais da nacionalidade, pois que os antepassados deles, por terem nascido cedo de mais, portugueses não tinham podido ser. Este é um ponto de genealogia que em geral não merece consideração, averiguar o que, não tendo nenhuma importância, deu vida, lugar e ocasião à importância que passou a ter o que dizemos ser importante.

Não foi ali o encontro dos cruzados com o rei, terá sido lá em baixo, na outra margem do esteiro, mas o que Raimundo Silva procura, se a expressão tem sentido, é uma impressão de tangibilidade visual, algo que não saberia definir, que, por exemplo, podia ter feito dele agora mesmo um soldado mouro a olhar os vultos dos inimigos e o rebrilhar das espadas, mas que, neste caso, por um escondido caminho mental, espera receber, em demonstrativa evidência, o dado que ao relato falta, isto é, a causa indiscutível de terem-se ido embora os cruzados depois do seu rotundo Não. O vento puxa e repuxa Raimundo Silva, obriga-o a segurar-se aos merlões para manter o equilíbrio. Num momento, o revisor experimenta uma sensação forte de ridículo, tem a consciência da sua postura cénica, melhor dizendo, cinematográfica, a gabardina é manto medieval, os cabelos soltos plumas, e o vento não é vento, mas sim corrente de ar produzida por uma máquina. E é nesse preciso instante, quando duma certa maneira se tornou infenso e inocente pela ironia contra si próprio dirigida, que no seu espírito surgiu, finalmente claro e também ele irónico, o motivo tão procurado, a razão do Não, a justificação última e irrefutável do seu atentado contra as históricas verdades. Agora Raimundo Silva sabe por que se recusaram os cruzados a auxiliar os portugueses a cercar e a tomar a cidade, e vai voltar a casa para escrever a História do Cerco de Lisboa.

José SARAMAGO, *História do Cerco de Lisboa*

